

REGENE LAMB

CRIANÇA É PRESENTE

Pistas para uma hermenêutica bíblica na perspectiva de crianças.

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós Graduação
Área: Teologia e Educação

Orientadora: Elaine Gleci Neuenfeldt

São Leopoldo

2007

Agradecimentos

Muitas pessoas me ajudaram e apoiaram para escrever este trabalho. Sou grata a todas elas. Porém, preciso mencionar algumas que mais fizeram a diferença.

Agradeço à orientadora, Elaine, às amigas Neuzeli, Marlise e Ruth, que contribuíram muito para que este trabalho fosse finalizado;

à Iuna e Moema, minhas filhas, que nunca deixaram de perguntar pelo porquê das coisas; à minha mãe e ao meu pai, Gisela e Edmundo Lamb pela doação incansável para que eu pudesse estudar;

ao Elio, companheiro de horas boas e ruins.

Agradeço de coração a todas as crianças com as quais tive a oportunidade de conviver

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO | 3 |
| ABSTRACT | 4 |
| INTRODUÇÃO | 5 |
| | |
| 1 - “CRIANÇA NÃO SABE MENOS, SABE OUTRA COISA” | 8 |
| 1.1 Referenciais teóricos das Ciências Sociais | 8 |
| 1.2 A contribuição da análise de gênero como referencial teórico..... | 14 |
| 1.3 Participação e protagonismo de crianças..... | 17 |
| | |
| 2 - UMA CRIANÇA DESNECESSÁRIA? | 21 |
| 2.1 Estudo de João 6.1-15..... | 21 |
| 2.1.1 O texto | 21 |
| 2.1.2 Interação entre tempo, lugar e personagens..... | 22 |
| 2.1.3 Alguns termos utilizados no texto | 25 |
| 2.2. Comparação com narrativas paralelas nos Evangelhos sinóticos..... | 27 |
| 2.3 Aspectos de estudos sobre João 6.1-15 | 29 |
| 2.4 O contexto redacional do Evangelho de João..... | 34 |
| 2.5 Síntese..... | 38 |
| | |
| 3 - HERMENÊUTICA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS | 40 |
| 3.1 Proposta de uma exegese e hermenêutica sócio-simbólica | 40 |
| 3.2 Crianças na época de Jesus..... | 43 |
| 3.3 Crianças no contexto dos Evangelhos e na vida das primeiras comunidades cristãs . | 50 |
| 3.4 Teologia das crianças e não para crianças | 52 |
| 3.5 Relato de uma experiência da leitura de João 6.1-15 com um grupo de crianças da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Cachoeira do Sul..... | 53 |
| 3.6 Pistas para uma hermenêutica que visibiliza o protagonismo das crianças..... | 55 |
| | |
| CONCLUSÃO..... | 58 |
| BIBLIOGRAFIA | 60 |

RESUMO

Criança é presente. Pistas para uma hermenêutica bíblica na perspectiva de crianças. A primeira parte desta dissertação traz diversos referenciais teóricos das ciências sociais com ênfase especial na antropologia da criança, nas discussões de gênero e nas discussões sobre o protagonismo das crianças. Mostra o quanto as concepções universalizantes de infância estão longe da realidade concreta da vida das crianças, pois esta sempre vem marcada pelo contexto e pela época na qual está inserida. A segunda parte apresenta o texto bíblico de João 6,1-15, onde uma criança é a portadora dos pães e dos peixes partilhados. São destacados alguns aspectos sobre lugar, tempo, interrelacionalidade entre adultos e crianças e são traçados paralelos com os evangelhos sinóticos. O texto é localizado em seu contexto literário e são mostradas especificidades teológicas do Evangelho de João. O terceiro e último capítulo aborda a hermenêutica simbólica, pergunta pela realidade das crianças na época de Jesus e mostra o comprometimento das primeiras comunidades cristãs com as crianças. Por fim, aponta alguns pressupostos que poderão orientar tanto a leitura bíblica como a práxis pastoral comprometidas com as crianças: não é possível falar de uma geração sem considerar a outra; crianças são seres completos e respondem aos estímulos que recebem de quem se relaciona com elas desde o início de sua vida; é possível desenvolver uma teologia com as crianças se, como adultos, nos dispormos a aprender com elas e, principalmente, buscarmos espaços e tempos de convivência. Estes devem possibilitar as brincadeiras, os jogos, a troca de afetos, a valorização do simbólico e das metáforas; crianças e adultos estão sempre interrelacionados. Só descobrimos o protagonismo das crianças no movimento cristão em suas origens se perguntarmos explicitamente por ele e se estivermos de fato comprometidos com projetos que valorizem as crianças pelo que elas são no presente.

ABSTRACT

Child is present. Clues for a biblical hermeneutic on the perspective of children. The first part of this dissertation brings some theoretical references from the social sciences with special emphasis on child anthropology, on gender matters and on the matters of children agency. It shows how far universal concepts of childhood are from the concrete life of children, since they always come with the marks of time on which they are insert. The second part shows the biblical text of John 6,1-15, where a child is the one who brings bread and fish to be shared. Highlighted are some aspects related to place, time interconnections among adults and children and parallels are drawn with the sinoptical gospels. The text is brought in his literary context and some specific theological issues of John's Gospel are showed. The third and last chapter approaches the symbolic hermeneutics, asking about the reality of children on Jesus' time and shows the commitment of the early Christian Communities with the children. Finally, it indicates some assumptions that will orient the reading of the Bible as well as the pastoral work with children: it isn't possible to speak about one generation without considering another; children are completed beings and they answer to the stimulus they receive from those who are related to them since the beginning of their lives; it is possible to develop a theology with children if we, as adults, are willing to learn with them and, above all, if we seek for places and time for acquaintanceship. This will allow the entertainment, friendship, the valorization of the symbolic and of the metaphors; children and adults are all the time interconnected. We will only discover the agency of children in the origins of Christian movement if we ask for it explicitly and if we really commit ourselves with projects that valorize the children for what they are in the present.

INTRODUÇÃO

As motivações que me levaram a escolher este tema para o presente trabalho estão arraigadas em dois contextos. O primeiro vem da prática pastoral e o segundo na leitura de comentários exegéticos em seminários e atividades ligadas à pesquisa.

Nas comunidades eclesíásticas onde tive a oportunidade de conviver e atuar como pastora, entre os argumentos usados para justificar a necessidade de investir no trabalho com crianças e no ensino religioso nos primeiros anos da escola predominou sempre o argumento de que as crianças são o futuro da igreja e da sociedade. Esta mesma justificativa predomina também nos outros setores da sociedade ao se defender qualquer tipo de medida em favor das crianças. Suspeito que ao assumir este tipo de fundamentação corre-se o risco de ignorar a realidade das crianças no presente, sua situação específica, desconsidera-se que elas tem necessidades, percepções e contribuições a dar na construção de relações comunitárias enquanto crianças.

Em primeiro lugar este trabalho quer contribuir para uma discussão sobre as concepções de infância e adolescência que perpassam os nossos discursos enquanto igreja e sociedade ao justificar toda a necessidade de um trabalho com estes grupo, por serem eles o futuro. A visão que permeia esta concepção é de progresso linear. A criança é vista como um ser humano incompleto, um vir-a-ser, ainda não capaz. Em recente carta pastoral da presidência da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil sobre “Quem é membro da IECLB?” as comunidades são novamente lembradas, em resumo que “o critério fundamental é simples: são membros da Comunidade (e, através dela, da IECLB) todas as pessoas batizadas (portanto inclusive as crianças batizadas), reconhecidas as bases confessionais da IECLB. Espera-se, portanto, das Comunidades que façam e mantenham cuidadosamente atualizado cadastro de seus membros, conforme orientações aqui emanadas, sem excluir os

afastados, as crianças, os eméritos ou outra categoria similar.”¹ A necessidade de nomear explicitamente as crianças (inclusive duas vezes) reflete uma prática muito comum que ainda vigora na maioria das comunidades de não contar as crianças como membros.

O Departamento de Catequese da IECLB já em 1993 promoveu Semanas de Criatividade sobre Crianças na Bíblia e faz a seguinte constatação: “Na igreja montamos um esquema de celebração voltado para os adultos. Os nossos prédios não possuem ambiente de trabalho para as crianças. O trabalho com as crianças precisa ser adaptado dentro de uma estrutura voltada para adultos”.² Passados 14 anos, ainda predomina nas comunidades a prática de não contar as crianças. Em todas as comunidades que atuei como pastora as crianças não eram contadas, para fins estatísticos, entre as pessoas participantes dos cultos. Sem dúvida, destas constatações não podemos concluir que ocorre uma exclusão proposital das crianças e que não há nenhuma preocupação com elas. Há atividades voltadas para elas, porém, elas não são consideradas irmãs e parceiras no discipulado, seguimento de Jesus Cristo. Elas são aquelas que tem a aprender e ainda não contam muito. Contam quando convém aos adultos, quando são convidadas para fazer uma homenagem aos pais e as mães, para encenar um presépio vivo no Natal.

A segunda motivação vem da leitura de comentários exegéticos onde também em textos nos quais crianças aparecem explicitamente, elas são ignoradas, ou quando são mencionadas, se considera a sua presença relevante, principalmente numa perspectiva simbólica, minimizando o seu protagonismo, a sua participação ativa nas primeiras comunidades cristãs e entre as pessoas que interagiram com Jesus.

Estabeleci como objetivo geral elaborar pistas que ajudem na formulação de uma hermenêutica na perspectiva de crianças e adolescentes. Hermenêutica esta, que poderá ajudar tanto as comunidades cristãs em seu trabalho com crianças e adolescentes, como servir de instrumental para a interpretação de textos bíblicos. Qualquer comunidade cristã tem entre seus integrantes um considerável número de crianças e poderá ser fortalecida se perceber de que forma ela considera estas crianças e quais são os lugares para elas em sua vida comunitária.

Escolhi como ponto de partida a narrativa do Evangelho de João 6.1-15, por ser este o único entre as tradições sobre a multiplicação dos pães e peixes, que menciona um

1 ALTMANN, W. Quem é membro da IECLB? p.12.

2 DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. Crianças na Bíblia: Educação & Criatividade 2. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 58.

paidarion (menino/moço/escravo/criança) como aquele/a que tem os pães e os peixes usados por Jesus como ponto de partida para saciar a fome da multidão. Pergunto pela relevância da sua presença e se há diferenças na interpretação do texto quando a presença desta criança (ou adolescente) é destacada como co-participante da dinâmica do texto. Pergunto pelo papel que crianças hoje atribuem a esta criança ao ouvir sua história. Pergunto também, pela possibilidade de ver nesta narrativa a memória da participação de crianças nas primeiras comunidades cristãs.

Falar de uma hermenêutica na perspectiva de crianças é uma ousadia, pois pressupõe que é possível para uma adulta assumir uma perspectiva que não seja a sua. Por isto busco na antropologia, na sociologia e na pedagogia suporte teórico para clarear as possíveis pistas a ser seguidas nesta busca de escuta solidária e comprometida com a vida das crianças, enquanto crianças. Depois perguntar como as crianças são percebidas nos textos sagrados e como foram compreendidas na pesquisa. A partir deste levantamento surgirão pistas hermenêuticas e pastorais para o trabalho com crianças nas comunidades cristãs.

1 - “CRIANÇA NÃO SABE MENOS, SABE OUTRA COISA”

1.1 Referenciais teóricos das Ciências Sociais

Na busca de uma maior aproximação do que significa concretamente falar desde uma perspectiva que considera a realidade de vida e as percepções das crianças com as quais convivemos, procuramos referenciais teóricos nas ciências sociais. Em diversas áreas da sociologia, da antropologia, da pedagogia e da história surgiram nos últimos anos estudos que apontam para a necessidade de percebermos que as representações da infância são sempre marcadas pelo contexto e pela época à qual se referem. Por isto, fizemos a escolha de falar de crianças e não de uma perspectiva da infância.

Lucia Rabello de Castro mostra o quanto as concepções de infância que predominam nas pesquisas das ciências sociais estão baseadas na psicologia do desenvolvimento. Conforme a autora, esta precisa ser vista como integrante de todo um projeto de modernidade que se sustenta a partir de uma visão linear e ascendente. “El proyecto de la modernidad se apoya en la visión de progreso, cuyo nudo, tanto desde el punto de vista de la historia individual como colectiva, sería la legitimidad de la idea del perfeccionamiento de la especie a lo largo del tiempo.”³ Esta visão desenvolvimentista levou a uma apresentação da criança e do selvagem como estado de origem universalizado, praticamente abstraído do seu contexto social e material. Nesta teoria do desenvolvimento, há a tendência de uniformizar intensamente a fase da infância e da adolescência. Nas outras fases, já há uma visão mais diferenciada. A autora conclui afirmando que a psicologia do desenvolvimento desde suas origens esteve comprometida com o projeto da modernidade que racionalizou as trajetórias individuais. Infância e adolescência são definidas como fases preparatórias para a vida produtiva.

³ CASTRO, Lucia Rabello. Uma teoria de la infancia en la contemporaneidad. In: CASTRO, Lucia Rabello. (Org.) Infancia y adolescência en la cultura del consumo. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, México: Humanitas, 2001. p. 26.

Do ponto de vista das crianças e adolescentes, esta limitação às atividades preparatórias significou a institucionalização de sua “dependencia y su encuadramiento socioinstitucional como ‘menores’ y relativamente incapaces”.⁴

Em um trabalho da equipe do CELADEC sobre imagens de infância através da história do ocidente nos é apresentada uma definição simples e clara:

la infancia es un concepto que refiere al período em que los seres humanos son física, psicológica y socialmente niños y niñas. Aunque la infancia pueda distinguirse en general por unas características biológicas, es determinada en la historia fundamentalmente por definiciones culturales que especifican su deber ser, sus roles, y relaciones de poder ejercidas sobre niños y niñas.⁵

Destaca a visão romana a partir de pesquisas feitas por Buenaventura Delgado que conclui:

para Catón, para Cicerón, para Quintiliano y para el resto de los pedagogos y escritores romanos, la infancia no existió con entidad sustancial. Para ellos era una etapa por la que había que pasar con la mayor rapidez posible, apresurándola y substituyéndola por las pautas de conducta adultas. Para la mayoría, por no decir para todos los romanos la infancia era una etapa sin importancia de la vida que había que superar cuanto antes.⁶

Clarice Cohn publicou um estudo pioneiro no Brasil sobre Antropologia da Criança, concebendo fazer antropologia como “tentar entender um fenômeno em seu contexto social e cultural”.⁷ Ela afirma que esta disciplina oferece uma metodologia de coleta de dados, especialmente a etnografia, que serve como meio para entender as crianças em seus próprios termos porque “permite uma observação direta, delas e seus afazeres, e uma compreensão de seu ponto de vista sobre o mundo em que se inserem”.⁸

Em seu livro *Antropologia da Criança*, ela se propõe a discutir os limites e as possibilidades de uma antropologia da criança. Constata que há poucas pesquisas antropológicas que reconhecem a criança como um “objeto legítimo de estudo”. Atribui esta realidade ao fato de que “em várias esferas, que vão do senso comum às abordagens do desenvolvimento infantil, pensa-se nelas como seres incompletos a serem formados e socializados”.⁹

⁴ CASTRO, 2001. p. 34.

⁵ EQUIPO de Coordinación del V Curso Latinoamericano y del Caribe del Celadec. **Cuadernos de Estudio**, v. 35. La Paz, Bolivia: CELADEC, 2001. p.13.

⁶ DELGADO, B. citado em EQUIPO de Coordinación del V Curso Latinoamericano y del Caribe del Celadec. **Cuadernos de Estudio**, v. 35. La Paz Bolivia: CELADEC, 2001. p. 17.

⁷ COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005. p. 9.

⁸ COHN, 2005, p. 9.

⁹ COHN, 2005, p. 10.

Após resumir os estudos pioneiros em antropologia da criança, a autora afirma que desde a década de 1960, a partir das novas concepções de cultura, de sociedade e de agência ou de ação social, passaram a surgir novas perspectivas.

Na definição de cultura o enfoque passou para o sistema simbólico que conforma as crenças e os valores (e não como anteriormente para os mesmos em si). Numa comparação, Cohn explica que a cultura passou a ser vista como a gramática que ordena palavras para serem uma frase, ela está lá, mas nem sempre é usada de forma consciente. Os valores e as crenças podem mudar, mas a cultura pode permanecer enquanto existir o sistema simbólico. A sociedade passou a ser definida como um “conjunto estruturado em constante produção de relações e interações”.¹⁰ Em decorrência disto os indivíduos são percebidos como atores sociais e como recriadores da cultura, não mais como simples receptáculos de papéis. Eles criam seus papéis enquanto vivem na sociedade. Assim, também crianças são vistas de maneira nova: “ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto socializados ou adquirindo competências e formando uma personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição”.¹¹

Cohn chama atenção também ao fato de que se trata de uma antropologia da criança e não da infância porque “infância é um modo particular, e não universal de pensar a criança”.¹² Como justificativa apresenta os estudos de Áries¹³ que constataram que a idéia da infância foi sendo elaborada na Europa e está relacionada com as mudanças na concepção da composição da família e todas as noções a ela relacionadas levando a “um sentimento de infância” sem o qual hoje não chegaríamos a uma idéia de direitos das crianças ou de menoridade.

Em outras culturas e sociedades a idéia de infância pode não existir, ou ser formulada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças.¹⁴

Muitos fatores terão que ser considerados para podermos entender o que significa ser criança em determinado contexto.

¹⁰ COHN, 2005, p. 20.

¹¹ COHN, 2005, p. 21.

¹² COHN, 2005, p. 21.

¹³ ARIES, Philippe. A criança e a vida familiar no Antigo Regime. Lisboa: Relógio D'Água, 1988. Conforme Cohn, este livro inaugura um campo de pesquisa e reflexão, o da história da infância, e deve ser conhecido por todo o estudioso que trabalha com crianças.”p.54.

¹⁴ COHN, 2005, p. 22.

Exemplificando, a autora apresenta, de modo muito sucinto, sua experiência com os Kayapó Xikrin (Pará). Ela aponta entre eles diferentes processos que atuam na fabricação da pessoa, e que vão desde a intensa atividade sexual no período da gestação (necessária, segundo os Xikrin, para a constituição do bebê) até os cuidados para que a alma não se desprenda do corpo (o que acarretaria a morte), passando também pelas práticas de dar o nome à pessoa. Para os Xikrin, que levam a sério a divisão dos indivíduos por categorias de idade, feitas visíveis com a pintura e na ornamentação corporal, o que define um adulto propriamente dito é o fato de ele possuir filhos. Antes disso, um indivíduo permanece criança, ser incompleto que pode tudo, mas que ainda não é.

A autora evidencia que as crianças atuam na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e na produção de conhecimento. A partir de sua interação com outras crianças - por exemplo, por meio de brincadeiras e jogos - ou com os adultos, elas acabam por constituir seus próprios papéis e identidades. Também para dar sustentação a essas idéias, Cohn passeia por diversos exemplos. Entre os Xikrin, ela sugere que a aprendizagem se dá na observação cotidiana das atividades dos adultos por meio de um aguçamento de sentidos como a visão e a audição.

Entre os meninos de rua da cidade de São Paulo, retratados em um livro de Maria Filomena Gregori, ela aponta a configuração, na experiência da constante circulação pelo espaço urbano, de um conjunto particular de regras e códigos, em grande parte acordados pelas crianças. Nestas pesquisas, a criança deixa de ser percebida como “um adulto em miniatura” ou “alguém que treina para a vida adulta”.¹⁵ A questão decisiva passa a ser “como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa, a criança não “sabe menos, sabe outra coisa”, afirma Cohn.¹⁶

Para comprovar esta afirmação a autora cita os estudos da antropóloga britânica Christine Toren. Estabelecendo um diálogo com a psicologia esta mostra “que os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes dos adultos, sem por isso serem menos elaborados ou errôneos e parciais. Elas não entendem menos, mas como afirma, explicitam o que os adultos também sabem, mas não expressam”.¹⁷ Mesmo partilhando um

¹⁵ COHN, 2005, p. 28.

¹⁶ COHN, 2005, p. 33.

¹⁷ COHN, 2005, p. 34.

mesmo sistema simbólico com os adultos as crianças têm uma relativa autonomia cultural no sentido de elaborar sentidos a partir deste.

Referindo-se à cultura, Cohn diz que devemos falar no máximo de culturas infantis (no plural e não no singular), sem esquecer que o contexto será decisivo e não podemos separar os pensamentos e ações das crianças daquelas pessoas que não são crianças e com as quais elas interagem. Conforme a autora, é preciso perguntar pelo que significa educar e aprender “como se concebe o conhecimento e sua transmissão; quais são as modalidades, os lugares e as relações envolvidas nesse processo; como se insere e é inserida nele a criança; e de que criança se trata”.¹⁸ Trata-se, pois de ver a inter-relação entre as diversas dimensões e observar a especificidade que adquirem em cada contexto.

Como metodologias e técnicas de pesquisa Cohn sugere a observação participante: “interação direta e contínua de quem pesquisa com quem é pesquisado”.¹⁹ E como complementação, desenhos de crianças, histórias elaboradas pelas crianças e registros audiovisuais.

Márcia Gobbi num estudo sobre desenho infantil e oralidade afirma que

O desenho da criança pequena é apontado como possibilitador de um maior aprofundamento sobre como crianças pequenas percebem o mundo no qual estão inseridas. Parte do princípio de que nós adultos falamos sobre elas, sem, contudo, ouvi-las ou mesmo enxergá-las em suas produções, e de que nosso conhecimento sobre as crianças de um modo geral ainda é pequeno.²⁰

O foco da pesquisa poderá tanto ser como as crianças entendem a si mesmas e sua ação no mundo, como sobre como quem não é criança as entende.

Jucirema Quintero referindo-se ao seu objetivo de ouvir as crianças, constata:

Seguir tais orientações metodológicas, dando a voz a essa pequena humanidade silenciosa, que gravita penosamente ao redor dos adultos, e colocá-la no centro das minhas análises não constitui tarefa fácil, por tratar-se de um campo de pesquisa em construção, sujeito ainda a muitos equívocos e ambigüidades, tanto no que tange à definição dos procedimentos da pesquisa quanto à análise dos dados.²¹

Constata ainda que são raros os trabalhos sobre as culturas infantis existentes no Brasil. Cita o trabalho de Florestan Fernandes publicado em 1947 “As ‘Trocinhas` do Bom Retiro” que destaca a realidade das crianças nos bairros operários na cidade de São Paulo que

¹⁸ COHN, 2005, p. 37.

¹⁹ COHN, 2005, p. 45.

²⁰ GOBBI, Márcia. Desenho e Oralidade. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B.F.; PRADO, P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 86.

²¹ QUINTERO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B.F.; PRADO, P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 103.

se encontram na rua para brincar, depois da escola. Fala também sobre a pesquisa: *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*, de José de Souza Martins, publicado cinco décadas depois. Segundo a autora, Martins estimula que se dê a palavra à criança nas pesquisas e mostra o quanto a tão idealizada inocência infantil que ele imaginava encontrar, no universo por ele pesquisado, aparece apenas como um intervalo do dia, porque as crianças trabalham, vão para a escola e só depois no tempo restante brincam.

Sonia Kramer²² discute as questões éticas que enfrentou nas pesquisas com crianças de diferentes idades e contextos: divulgação de nomes, de imagens, e devolução dos dados coletados pela pesquisa, a autorização para a divulgação dos dados dada por adultos. Consta que a dificuldade de tratá-las de fato como sujeitos é real. Mostra que a visão que hoje mais se difunde entre aqueles que pensam a criança, atuam com ela e desenvolvem pesquisas e políticas públicas é de que a infância é um campo temático de natureza interdisciplinar que não pode ser dissociado da compreensão da condição e da dimensão humana. A autora destaca a importância das contribuições de Benjamim para esta visão e seu trabalho

Porque na sua obra, a criança, filhote do homem, ser em maturação, cidadão do futuro, esperança de uma humanidade que não tem mais esperança é desalojada por uma criança parte da humanidade, fruto da sua tradição cultural, que é também capaz de recriá-la, refunda-la, criança que reconta e ressignifica uma história de barbárie, refazendo esta história a partir dos despojos de sua mixórdia cultural, do lixo, dos detritos, trapos, farrapos, da ruína. E aqui, a arte, em geral, e o cinema e a literatura, em particular, ajudam a constituir esse outro modo de olhar a infância, revelando o seu próprio olhar e como ela pensa, sente e imagina o mundo e também a encontrar outra maneira de falar da infância e de ouvir as crianças. [...] Desvelando o real, subvertendo a aparente ordem natural das coisas, as crianças, para Benjamin, falam não só do seu mundo e da sua ótica; falam também do mundo adulto, da sociedade contemporânea. Imbuir-se desse olhar infantil crítico é aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz.²³

Os diversos estudos elencados nos apresentam um quadro muito amplo e complexo que deixam delinear alguns aspectos que podem nos ajudar na elaboração de uma hermenêutica bíblica na perspectiva de crianças:

1. É necessário distanciar-se de toda forma de discurso que naturaliza e idealiza a infância e se orienta por uma psicologia desenvolvimentista;
2. Crianças atuam na criação de relações sociais e nos processos de aprendizagem e na produção de conhecimento, são sujeitos no presente;

²² KRAMER, Sonia, Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, São Paulo., 2002, p. 41-59.

²³ KRAMER, 2002, p. 46.

3. Não é possível falar delas ou com elas sem levar em conta as relações de poder que permeiam as complexas relações entre as pessoas.
4. Se partirmos da realidade da interação que ocorre necessariamente no encontro entre as diversas gerações e grupos sociais precisamos considerar dimensões que a racionalidade científica nem sempre consegue delinear. Uma coisa é falar sobre e descrever crianças, outra é conviver com elas, ouvi-las, trocar afetos, partilhar brincadeiras interagindo com elas. No encontro sempre é preciso estar preparado para o inesperado, há muitos aspectos que contam, inclusive o lugar no qual o encontro acontece.

Uma das dimensões das relações de poder praticamente ignoradas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores das ciências sociais é a dimensão de gênero. Na área da hermenêutica Bíblica, muitos estudos na perspectiva de gênero já nos mostraram o quanto esta é relevante quando buscamos uma teologia que emerge das condições concretas da vida e é porta voz de um anúncio libertador e não legitimador de hierarquias e opressões.

1.2 A contribuição da análise de gênero como referencial teórico

Susan A. Roos²⁴ no artigo “Gênero, cultura e formação da fé cristã”, discute a inter-relação destas temáticas. Ela entende educação como a formação das pessoas dentro de uma determinada tradição e afirma que “se os jovens não chegam a conhecer sua própria tradição religiosa com todas as suas crenças, ritos, práticas e histórias, a tradição há de morrer”.²⁵ Porém questiona: “Como transmitir uma tradição sexista, injusta e até hipócrita?” Diante da realidade de que as mulheres assumiram posições de liderança em quase todos os setores da sociedade, ela passa a questionar toda um conjunto de linguagem e imagens usadas no cristianismo por seu forte caráter patriarcal, sendo que na Igreja Católica Apostólica Romana este aspecto é considerado ainda mais acentuado.

Para as crianças, a questão de gênero surge muitas vezes em relação a Deus, por causa da força que a linguagem e as imagens exercem sobre a imaginação, e pelo fato de as orações e os ritos da Igreja (entenda-se Igreja Católica Romana) se referirem a Deus quase exclusivamente em termos masculinos, aceita-se mais a idéia de que Deus é masculino.²⁶

A autora apresenta uma síntese do trabalho de Carol Gilligan no livro “In a Different Voice” que propõe a valorização do raciocínio de meninas e mulheres como diferente e não

²⁴ ROOS, Susan. Gênero. Cultura e formação da fé cristã. *Concilium* 297, n.4, Petrópolis, 2002. p. 16-29.

²⁵ ROOS, 2002, p. 16.

²⁶ ROOS, 2002, p. 20.

inferior, como está presente na escala de desenvolvimento moral de Kohlberg, e assim aponta que já há instrumentais que ajudam uma leitura mais crítica das teorias de desenvolvimento psicológicas, morais e religiosas. Ao mesmo tempo, Susan Roos mostra que as teorias de gênero ainda se refletem muito pouco no material de educação religiosa, enquanto questões de justiça sociais já estão bem mais assimiladas. Segundo a autora,

Esta maneira de abordar as questões de gênero está bem de acordo com a posição da Igreja institucional: ou seja, a de que a discriminação manifesta por causa do sexo é injusta (por exemplo, no tocante a igualdade de remuneração ou oportunidades de educação) mas que deve ser valorizada e preservada a natureza especial da mulher.²⁷

Assim ela conclui que:

Uma abordagem crítica de gênero pode revelar que tanto as culturas quanto as tradições religiosas colaboraram para manter os papéis tradicionais para homens e mulheres, muitas vezes em benefício dos homens. A cultura, especialmente na época atual, pode desempenhar um papel nocivo porque os jovens são seduzidos pela mensagem de que a beleza física e a riqueza lhes trarão felicidade completa. E os envolvidos na formação da fé cristã, [...] tem aguda consciência das dificuldades de transmitir uma tradição que pode, por um lado, apoiar maiores oportunidades para as mulheres bem como as dimensões positivas da cultura e, por outro, ser usada para justificar a subordinação da mulher.²⁸

Como solução para a análise dos elementos cultura, religião e gênero, a autora sugere a honestidade no sentido de admitir fraquezas e belezas presentes em cada uma destas dimensões.

Em nossa perspectiva a importância deste artigo de Susan Roos está em sua tentativa de relacionar estes três aspectos e mostrar o quanto ainda é preciso aprofundar cada um deles e principalmente a estreita inter-relação dos mesmos. A dimensão do aspecto geracional pode ser agregada a esta reflexão porque cada criança nasce em meio a esta realidade complexa e interage com ela.

Luzinete Simões Minella²⁹ em seus estudos analíticos da História Social da Infância no Brasil a partir da epistemologia feminista, mostra o quanto os mesmos

Desenvolveram saberes e desenvolveram estratégias de poder sobre a infância a partir de uma lógica da identidade, permitindo-se diagnosticar situações, desenhar perfis, identificar, isolar, segregar e/ou integrar, projetando o futuro de meninos e meninas conforme as expectativas e os padrões que vigoravam na época.³⁰

²⁷ ROOS, 2002, p. 25.

²⁸ ROOS, 2002, p. 29.

²⁹ MINELLA, Luzinete Simões. **Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil**. Em: Cadernos Pagu (26) janeiro-junho de 2006. p. 289-327. Disponível em <www.unicamp.br/pagu>. Acesso em: 20 de maio de 2007.

³⁰ MINELLA, 2006. p. 325.

Outra pesquisa³¹ realizada recentemente com crianças e adolescentes entre 8 a 15 anos na periferia de Porto Alegre mostra que

Há distribuição diferencial por gênero nos usos do tempo das crianças, resultado da permanência de particularismos patriarcais na alocação do tempo de meninas e meninos. As famílias ocupam muito mais as meninas nos afazeres domésticos do que os meninos, com isso eles tem mais tempo livre. Em razão das disposições sociais de gênero eles sofrem menos pressão para sua contribuição em tarefas repetitivas e monótonas, podendo fazer uso do seu tempo em atividades lúdicas e interessantes.³²

As conclusões apontam para uma distribuição de tempo diferenciado para meninas e meninos. Assim, nos afazeres diários, meninas estão mais envolvidas nas funções domésticas. Contribuem para isto elementos culturais, simbolismos de gênero e necessidade de trabalho das famílias pobres. Assim, tanto meninas como meninos tem constituído sua identidade reforçando papéis arraigados na sociedade patriarcal.³³

Estudando textos escolares infantis Rosa M.H.Silveira e Claudia A. dos Santos³⁴ atestam que “aprender a ser homem e aprender a ser mulher é uma tarefa das mais precoces na nossa cultura”.³⁵ Segundo as autoras, a identidade de gênero é marcada nos corpos infantis desde muito cedo quando se fura as orelhas das meninas para colocar brincos e se veste nos meninos camisetas dos clubes de futebol favoritos dos pais. Assim, vão sendo forjados e delimitados claramente dentro dos parâmetros culturais vigentes o que se espera de meninas e meninos.

O trabalho das autoras consiste numa análise de textos produzidos por 100 alunas e alunos de 4^a série de diversas escolas estaduais e municipais do Estado do Rio Grande do Sul. As atividades descritas pelas alunas e pelos alunos refletem uma nítida reprodução dos estereótipos definidos socialmente para meninas e meninos, levando as autoras a afirmar que “Mesmo em narrativas de crianças em que as questões de gênero não foram explicitamente problematizadas, vê-se o quanto ficam implícitas num jogo de bastante complexidade”.³⁶ Inscreve-se no corpo sempre num determinado contexto cultural e levam as suas marcas. “Meninos são apresentados como heróis, transgressores, desrespeitosos, temerários, enquanto

³¹ CARVALHO, Marie Jane Soares; MACHADO, Juliana Brandão; ROSA, Tatiane da Silva. Tampos compostos: Gênero e Classe Social nos usos do tempo entre crianças. In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristiane Maria Famer (Org). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 231-266.

³² CARVALHO; MACHADO; ROSA, 2004, p.261.

³³ CARVALHO/MACHADO/ROSA, 2004, p.261.

³⁴ CARVALHO/MACHADO/ROSA, 2004, p.231.

³⁵ SILVEIRA, Rosa M.H. e SANTOS, Claudia A. Gênero e diferença em textos escolares infantis. In: CARVALHO, Marie Jane Soares e ROCHA, Cristiane Maria Famer (Organizadoras). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 267-278.

³⁶ SILVEIRA/SANTOS, 2004, p. 267.

³⁷ SILVEIRA/SANTOS, 2004, p. 275.

as meninas cozinham, estão próximas às professoras, tomam banho de sol, dançam, são incomodadas pelos meninos, etc”.³⁷ As autoras suspeitam que esta demarcação de fronteiras bastante determinada tenha a ver com a origem dos autores e das autoras dos textos, a saber, cidades pequenas e áreas rurais.

Este estudo nos leva a concluir que nos contextos onde estão localizadas a maioria das comunidades da IECLB ainda predomina uma construção de identidade de gênero bastante determinista. Gênero é, portanto, uma categoria necessária, quando nos propomos a buscar pistas para uma hermenêutica na perspectiva das crianças tendo em vista a prática pastoral nesta igreja.

1.3 Participação e protagonismo de crianças

Estamos em busca de uma maneira de nos aproximar das crianças e sua realidade. Os diversos aspectos trazidos pelas ciências sociais e as pesquisas na perspectiva de gênero nos trouxeram duas pistas relevantes. A parceria com as crianças, seu envolvimento ativo em tudo que lhes diz respeito se mostra como consenso nos estudos consultados. Para entender o que significa envolvimento ativo nos ajudam os conceitos de participação e protagonismo.

A Equipe de Coordenação do V Curso Latino Americano e do Caribe³⁸ apresenta uma proposta desafiadora para a distinção entre participação e protagonismo:

- A dimensão da transformação, não necessariamente presente naqueles e naquelas que apenas participam;
- A dimensão do envolvimento ativo em todos os processos desde a concepção até a avaliação de determinado projeto.

Com base no conceito desenvolvido por Alejandro Cussianovich, essa equipe dá ao termo uma conotação política e apresenta alguns pontos que ajudam na conceituação de protagonismo:

- Protagonismo verdadeiro só ocorre quando há *produção de vida*. – O poder é usado para servir o outro e não para oprimir e excluir;
- Há dignidade; promoção da vida individual e coletiva;

³⁷ SILVEIRA/SANTOS, 2004, p. 276.

³⁸ EQUIPO de Coordinación del V Curso Latinoamericano y del Caribe del Celadec. **Cuadernos de Estúdio**, v. 35. La Paz Bolívia: CELADEC, 2001. p. 41-42.

- Nota-se uma atitude responsável pela história.

Como exemplo de protagonismo, os autores citam a Organización de Niños, Niñas y Adolescentes Trabajadores - NAT's - uma organização na América Latina. Aqueles e aquelas que estão organizados são reconhecidos, protegidos e tem uma atuação política ativa.

No Brasil, temos o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua como exemplo de organização centrada no protagonismo das crianças.

Reconhecer as crianças como atores sociais, tanto em suas próprias vidas como a escala social, exige que os reconheçamos como pessoas com direitos, indivíduos com critérios, capacidades e valores próprios, participantes de seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento pessoal e social.³⁹

A concepção de protagonismo envolve a possibilidade de livre expressão e também de que todas as formas de expressão são levadas a sério, consideradas em todas as instâncias de decisões e poder.

Por isso o protagonismo, definitivamente, não é só uma proposta conceitual, senão que possui de modo inerente um caráter político, social, cultural, ético, espiritual, que, portanto reclama uma pedagogia e convida a re-propor o status social da infância e do adulto, de seus papéis na sociedade local e no conceito dos povos.⁴⁰

Anton A. Bucher no artigo “Crianças como sujeitos”.⁴¹ mostra que: as crianças não são apenas produtos da educação que lhes é imputada, mas são também agentes de sua própria educação; elas têm vontade própria e não apenas voluntariedade, isto é, são sujeito de uma construção da realidade (citando Piaget). Menciona que os resultados da pesquisa mais recente autorizam a expressão: “bebês competentes”.⁴² Neste último ponto critica a tradicional psicologia do desenvolvimento que “subestimou com manifesta tendenciosidade a criança e não raro a visualizou sob o enfoque daquilo que ela não era capaz de fazer. Bem diferente se configura o quadro quando se põe em relevo aquilo que nos primeiros anos de vida ela é capaz de fazer”.⁴³ Crianças desde bem pequenas são inteligentes e exercem influência sobre o comportamento dos adultos, e geralmente em bem maior grau do que estes imaginam. A comunicação acontece através de choros, sorrisos, afetos através de uma linguagem que a mera racionalidade não consegue traduzir totalmente. Bucher conclama as igrejas para aprender com as crianças e desafia para uma reflexão teológica “franca e livre” das crianças que foge dos romantismos normalmente projetados sobre as crianças.

³⁹ CASTRO, Patrícia del Pilar Horna. Participação de Crianças e Adolescentes: enfoques e concepções. **Save the Children**, 2002, p. 5.

⁴⁰ CUSSIANOVICH, citado em CASTRO, 2002. p. 5.

⁴¹ BUCHER, Anton A. Crianças com sujeitos. **Concilium**, n.2, Petrópolis, 1996. p. 55-67.

⁴² BUCHER, 1996, p. 57.

⁴³ BUCHER, 1996, p. 66.

Norberto Mette⁴⁴ estabelece uma relação entre o protagonismo das crianças e a educação religiosa. Ele constata que os estudos mais recentes nos apresentam “a criança como um ser ativo e criativamente empenhado em criar sentido, juntamente com os outros, e que por isso está por si mesma em busca de intercâmbio e permanente comunicação, e que deseja investir neste terreno”.⁴⁵ Os estudos fazem perceber a criança como pessoa com direitos próprios e confrontam os adultos com a tarefa abrir espaços para que as crianças não sejam sufocadas em suas iniciativas. O que pode sufocá-las são as pressões sociais e as próprias expectativas dos adultos que interagem com elas.

Suspeito que qualquer pessoa que convive com crianças experimenta a impossibilidade de ficar indiferente às suas interpelações e por isso mesmo é tão urgente uma convivência maior entre todos os grupos da sociedade. A não convivência com crianças limita as pessoas em sua percepção da própria vida e suas necessidades. É também Mette que apresenta como caminho para o desenvolvimento autônomo e de reconhecimento do outro, uma forma de vida, definida com o conceito de Paulo Freire como “convivência ou convivialidade”.⁴⁶ Uma forma de vida onde de fato há reconhecimento da diversidade de saberes presente entre as diversas gerações e ocorre uma troca dos mesmos para que possa surgir algo novo nesta comunidade de convivência.

A responsabilidade é dos adultos, pois na relação de poder estabelecida entre adultos e crianças, mesmo que não haja possibilidade de ignorar totalmente as crianças, como já foi dito anteriormente, é possível sufocá-las ou ignorar seus anseios, suas sugestões exatamente por considerá-las seres ainda incompletos.

Mette a partir de uma experiência realizada em uma comunidade de Amsterdam mostra que “quem toma o partido pelas crianças escolhe um mundo novo. Decide-se pelos pobres e os pequeninos, pelos excluídos e explorados. Escolhe uma sociedade diferente e uma nova Igreja”.⁴⁷ Onde isso acontece ocorrerá radicais transformações tanto na vida das pessoas como das comunidades.

Do nosso ponto de vista, esta é uma escolha urgente e necessária que sabemos ser considerada loucura e passível de questionamentos. É bom que assim seja para que processos de mudanças possam ser iniciados.

⁴⁴ METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *Concilium*, n.2, Petrópolis, 1996. p. 120-135.

⁴⁵ PEUKERT, citado em METTE, 1996. p. 122.

⁴⁶ METTE, 1996. p. 132.

⁴⁷ METTE, 1996. p. 133.

A vida das crianças é completa, elas têm sempre maneiras de se comunicar com as outras faixas etárias, mas nem sempre estas as compreenderão. As formas de comunicação envolvem para além das palavras afetos, gestos, olhares, sons, posturas, cheiros, trocas epidérmicas. As crianças precisam ser aceitas como verdadeiras parceiras. Só podemos falar de parcerias se conseguirmos nos despedir da ideologia que considera as crianças como adultos não prontos. Como pessoas que só alcançarão sua capacidade de contribuir efetivamente para a definição dos rumos da vida depois de se tornarem adultas. Quando elas não serão mais instrumentalizadas em função dos desejos e dos anseios dos adultos.

Sem dúvida todos estes questionamentos sobre a concepção que temos de crianças nos levam obrigatoriamente também a refletir sobre a maneira como nos entendemos enquanto adultos. Se, como seres já completos, que não tem mais nada a aprender, que já sabem tudo ou quase tudo, ou se como pessoas em busca, em constante necessidade de rever suas concepções na inter-relação com as outras.

Tornar-se uma sociedade que ama suas crianças significa tornar-se uma sociedade que é mais humana, onde há lugar para as manifestações das diversidades. O primeiro desafio é repensar a maneira como nós percebemos as crianças, que lugar lhe damos, o quanto as conhecemos, o quanto ouvimos e percebemos as suas reações. Como construímos o nosso dia-a-dia. Não se trata simplesmente de aplicar questionários e considerar as opiniões expressas, mas de uma convivência de respeito e aprendizado mútuo que constantemente está em revisão.

Quando perguntamos explicitamente pelas crianças e a maneira como nós adultos nos relacionamos com elas há possibilidade de fazer novas descobertas sobre textos bíblicos? Que lugar elas ocuparam nas comunidades cristãs primitivas? Como os comentários bíblicos apresentam crianças, quando estas são mencionadas explicitamente em textos bíblicos. O que podemos descobrir sobre a criança presente no texto do Evangelho de João 6.9? Estas e outras questões serão discutidas no próximo capítulo.

2 - UMA CRIANÇA DESNECESSÁRIA?

Na busca de uma aproximação de um possível protagonismo de crianças nas primeiras comunidades cristãs tomamos como ponto de partida um texto onde uma criança é citada explicitamente. Em primeiro lugar, nos restringimos a analisar apenas o texto a partir da linguagem que ele apresenta, dos indicativos de tempo, lugar, personagens, depois passamos para a comparação com seus paralelos nos Evangelhos Sinóticos e, por último, para sua contextualização no Evangelho de João.

2.1 Estudo de João 6.1-15

2.1.1 O texto⁴⁸

- 1- *Depois disto Jesus foi para o outro lado mar da Galiléia, chamado também de Tiberíades.*
- 2- *Seguia-o muito povo, pois viam os sinais que ele fazia com os doentes.*
- 3- *Jesus se retirou a um monte e se sentou com seus discípulos.*
- 4- *Aproximava-se a Páscoa, a festa dos judeus.*
- 5- *Levantando os olhos e vendo muito povo que vinha a ele, Jesus diz a Felipe: Onde compraremos pão para que comam?*
- 6- *Dizia isto para pô-lo a prova, pois sabia o que estava para fazer.*
- 7- *Respondeu-lhe Felipe: duzentos denários de pão não bastariam para que cada um recebesse um pedaço.*
- 8- *Um dos discípulos dele, André, o irmão de Simão Pedro diz:*
- 9- *Está aqui uma criança que tem cinco pães de cevada e dois peixes; porém o que é isso para tantos?*
- 10- *Jesus disse:*
Fazei as pessoas (antropous) tomar lugar. Havia muita grama no lugar. Sentaram, os homens eram cinco mil.
- 11- *Então Jesus tomou os pães, deu graças e os repartiu aos que estavam sentados. Fez o mesmo com os peixes, tanto quanto queriam.*

⁴⁸ Tradução própria da autora.

12- *Quando ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos:*

- *Recolhei as sobras para que nada se perca.*

13- *Recolheram-nas e, com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram dos que comeram, encheram doze cestos.*

14- *Quando o povo viu o sinal que fizera, disseram:*

- *Este é o profeta que devia vir ao mundo.*

15- Jesus, sabendo que pensavam ir para levá-lo e proclamá-lo rei, retirou-se novamente sozinho ao monte.

2.1.2 Interação entre tempo, lugar e personagens

a) As referências ao tempo: O v.1 inicia mencionando o tempo no qual o fato descrito se passa. É um tempo “depois” que vem marcado e definido por aquilo que aconteceu anteriormente, ou seja, pelos sinais que Jesus fazia com os doentes: Jo 4.46-54 - a cura do filho de um funcionário real, um menino (v.49) cujo pai intercede por ele; e Jo 5.1-15 - a cura de um homem que estivera doente por trinta e oito anos e está sozinho, sem ninguém que o ajude (v.7).

O v. 4 traz outra referência ao tempo de Festa da Páscoa. Uma informação solta, que precisa ser analisada no contexto maior do Evangelho de João. A Páscoa é a festa comemorada para lembrar o Êxodo, a saída da terra da escravidão, o acontecimento mais importante da história do povo que narra suas experiências nos textos bíblicos.

O exegeta Schackenburg⁴⁹ relaciona também a observação do v.10: “*pois havia naquele lugar muita grama*”, com a localização temporal na primavera, pois só nesta estação do ano a grama seria perceptível. Porém, além do aspecto temporal, consideramos esta informação importante do ponto de vista do cenário, do lugar onde os acontecimentos são vivenciados.

Também o v.12 inicia com uma conjunção temporal: “*quando ficaram satisfeitos*” dando destaque para o tempo transcorrido entre a partilha e a saciedade das pessoas participantes. Não foi preciso comer com pressa e ninguém saiu com fome.

b) O lugar: Jesus atravessou o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades (v.1b). Jesus passara por Jerusalém (capítulo 5) e agora está de volta ao lugar onde a realidade de doença e carência mobiliza a multidão, pois esta o segue.

⁴⁹ SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según San Juan*. Tomo segundo. Herder: Barcelon, 1980. p. 36.

Jesus retira-se para o monte e senta-se com seus discípulos (v.3). O monte aponta sempre para a busca de um distanciamento, mas aqui não se torna possível porque a multidão segue Jesus e não recua diante do monte.

Naquele lugar havia muita relva (v.10) que é indicada como possibilidade para que o povo pudesse tomar lugar (em grego *anapiptô*). Na linguagem dos Evangelhos o verbo *anapiptô* ocorre em Mt 15.35; Mc 6.40; Mc 8.6; (narrativas paralelas a João 6.1-5) e em Lc 11.37; 17.7; 22.14; Jo 6.10; 13.12. Refere-se sempre ao ocupar lugar em uma mesa, reclinar-se à mesa; em Lc 14.10 se refere ao lugar ocupado por alguém em uma festa e em Jo 13.25 e 21.20 ao reclinar-se sobre o peito de Jesus. Predominam os usos deste verbo para indicar mais do que um simples sentar, pois indica explicitamente o ato de tomar um lugar para participar de uma refeição.

Um povo cansado celebra um banquete. Cada qual ocupa um lugar. Ninguém é excluído, mesmo que nem todos sejam contados como indica o v.10. O que possibilita a acomodação de uma grande multidão é um espaço em meio à natureza, sem cercas e paredes, sem lugares definidos para os que se consideravam mais importantes. Sem distinguir entre crianças, adultos, mulheres, homens, judeus, gregos, romanos, escravos, libertos. O lugar é definido pela relva. Ela é acolhedora. Pode pinicar um pouco, mas deixa sentar livremente a todos e todas indistintamente. Assim ocorre uma partilha. Talvez em outro lugar, a criança não teria sido percebida, ou os discípulos teriam tentado barrar o seu acesso a Jesus.

As narrativas da partilha dos pães e dos peixes nos sinóticos apontam para uma certa distância entre o local que a multidão se encontrava à um lugar onde se poderia comprar alimentos. Este lugar onde Jesus, os discípulos e a multidão estão reunidos deve ter sido amplo para permitir que tanta gente se agrupasse de forma ordenada. Neste local não há lugares pré-definidos, pré-fixados. Faz-se presente sim, a ordem social, pelo fato da situação ser inusitada, há mais possibilidade para estabelecer outros tipos de relações. O sinal de Jesus não é direcionado para um grupo específico, com regras pré-definidas. Assim há possibilidade para o protagonismo de mulheres, escravos e crianças. Estar em campo aberto oportuniza fugir da rigidez estabelecida entre as pessoas e os papéis que elas representam. O lugar informal permite uma interação diferente entre as pessoas, elas podem olhar umas para as outras, perceber os detalhes, os cheiros, as roupas, as doenças, o sofrimento e as marcas dos semblantes que cada uma carrega. Podem também conversar, brincar festejar.

Paulo Nogueira estuda a relação do cristianismo primitivo com práticas festivas populares a partir dos textos de Paulo que defendem a ordem durante a celebração da ceia do

Senhor e levanta a hipótese de que a “ênfase exortativa e doutrinal de Paulo e de Ignácio de Antioquia para que haja ordem na Ceia do Senhor, que ela seja claramente distinta das refeições dos deuses e conduzida apenas por lideranças, pode sugerir que havia uma pluralidade de práticas que desafiava estes autores”.⁵⁰ A sua opção teria sido a de se distanciar das festas e dos banquetes populares inerentes à cultura mediterrânea e assim abrirem caminhos para uma institucionalização hierárquica e séria que prevalece até hoje na celebração da Ceia.

Comer é um momento de comunhão e partilha constitutivo da identidade das primeiras comunidades cristãs. O comer faz parte dos encontros das comunidades. E este acontece de forma que todos possam ficar satisfeitos. É preciso ter possibilidade para sentar como numa festa. As informações sobre as condições do lugar são mínimas, mas estão presentes e apontam para uma possibilidade de comunhão de mesa também entre uma multidão, normalmente excluída da participação dos grandes banquetes sociais e religiosos.

Hoje temos pouquíssimos lugares para reunião de pessoas de forma totalmente igualitária. Predominam os espaços e as acomodações definidas a partir das pessoas adultas com suas mesas e cadeias ordenadas de tal maneira que apenas os grupos que já se conhecem ficam próximos uns dos outros. Também na maioria das igrejas, onde acontecem as celebrações religiosas os bancos são pesados e permitem apenas uma acomodação enfileirada onde uma pessoa olhando para a nuca da outra.

Helena Copetti Callai⁵¹ refletindo sobre educação popular faz um interessante estudo sobre a relação entre espaço e poder. Ela parte da pergunta sobre o conhecimento que temos sobre o espaço no qual vivemos, sua organização e distribuição, as alterações feitas na natureza e a ocupação dos diversos espaços. A autora aponta para a necessidade de perguntar pela organização espacial existente e sua relação com a questão geopolítica do respectivo Estado Nacional. Conclui que a constituição e organização dos espaços não se dão por acaso, por serem estes, fruto das ações de pessoas concretamente localizáveis e das relações de poder entre elas constituídas.

Aí, neste lugar (v.9) está uma criança que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos (6.9). Do meio da multidão emerge uma criança que oferece o que tem.

⁵⁰ NOGUEIRA, Paulo, A ceia do Senhor e os banquetes do povo: questões sobre a relação do cristianismo primitivo com práticas festivas populares. **Estudos de Religião**, Ano XIX, n.28, São Bernardo do Campo jan/jun 2005. p. 46-53.

⁵¹ CALLAI, Helena Copetti. **Espaço de poder ou o poder do espaço?** Contexto e Educação, Universidade de Ijuí, Ano 1 n.3, julho/Setembro 1986, p.25-32.

c) **As pessoas que interagem na narrativa:** Jesus é claramente aquele em torno do qual tudo gravita. Há uma multidão que o seguia. No v.5 fica claro que Jesus está acompanhado por seus discípulos a quem ele se dirige. Nominalmente são mencionados, Felipe e André, irmãos de Simão Pedro. No v.9 uma criança é mencionado e logo depois no v.10 é dito que os homens eram cinco mil. No caso não é dito que mulheres e crianças não são contadas, como se diz explicitamente no Evangelho de Mateus em 14.21 e 15.38, porém, fica claro que elas deixam de ser contabilizadas por usar o termo *andrés (varões)* ao falar dos cinco mil que tomaram lugar. Anteriormente foi falado sobre a criança, portanto ela estava lá e interage com os discípulos e certamente também com Jesus.

2.1.3 Alguns termos utilizados no texto

Paidarion: O termo utilizado em João 6.9 para referir-se ao menino é *paidarion*. Há alguns comentários exegéticos que traduzem este termo como rapaz ou escravo. Porém, predominantemente é preferida a utilização da palavra “menino”.

O dicionário do Novo Testamento de Walter Bauer⁵²: traz como primeiro significado: “menininho, o menino, a criança, também do sexo feminino”.

No Novo Testamento este termo ocorre somente em Jo 6.9 e na Septuaginta é utilizado em Gênesis 37.30 referindo-se a José quando este tinha 17 anos e ao servo de Eliseu em 2 Rs 4.38.

Em um estudo comparativo entre todos os termos usados no NT para se referir a crianças C. Brown⁵³ aponta para a distinção entre o termo *brefos* para se referir a bebê ou infante e o termo *paidion* e seus derivados, entre estes *paidarion*, que é diminutivo de *pais*, para referir-se a crianças entre 07 e 14 anos. Conforme este autor “*pais* também sugere a posição humilde da criança na sociedade e sua função antiga como escravo”.

A tese de doutorado de Bettina Eltrop⁵⁴ explica esta diversidade de possibilidade de usos do termo a partir de Gl 4.1-2

Digo o seguinte: enquanto o herdeiro é menor de idade, ainda que seja dono de tudo, não se distingue do escravo, mas está submetido a tutores e administradores até a data fixada por seu pai. Pois este texto, segundo esta autora, reflete a posição de dependência tanto de filhos menores como de escravos, prescrita no direito romano.

⁵² BAUER, Walter. **Wörterbuch zu den Schriften des neuen Testaments und der fruehchristlichen Literatur**. 6.Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. “Knäblein, d. Knabe, d. Kind (auch weibl. Geschlechtes)” Coluna 1196.

⁵³ BROWN, Colin, Pais, in: BROWN, Colin e COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova. 2000. p 465-470.

⁵⁴ ELTROP, Bettina. **Denn solchen gehört das Himmelreich. Kinder im Mattheus Evangelium**. Tese (Doutorado). Stuttgart: Ulrich E. Grauer, 1996. p.60-68.

Antes de tudo no *oikos* romano a posição jurídica de um filho legítimo, enquanto este se encontrava sob a *potestas* – poder de seu pai, se assemelha a de um escravo.⁵⁵

Em João 4.46-54, que fala “do segundo sinal que Jesus fez” (v.54) temos a referência a uma criança, no caso menino, filho de um oficial do rei, que é curado. O texto se refere a ele como *paidion* (v.49) e *pais* (v.51). No v.53 b lemos sobre este oficial: “E creu nele (Jesus) com toda a sua família”. Como o menino é parte da família, este deve ser considerado entre os que creram em Jesus.

Considerando os diversos estudos mencionados pode-se apenas afirmar, pelo menos como uma possibilidade bastante provável, que o termo *paidarion* de João 6.9 se refere a uma criança, escrava ou livre, menino ou menina, legalmente ainda sob a tutela de um adulto. Considerando que *paidarion* é um diminutivo, a tradução mais próxima é: menino ou menina e por isto optamos em falar sempre em criança.

Chórtos: relva, grama. Conforme Bauer, tanto na literatura bíblica como em outros escritos predomina o significado “daquilo que verdeja no campo” e “grama”. Às vezes o termo vem acompanhado do adjetivo verde. Vejamos alguns exemplos além de João 6.10 e paralelos nos Evangelhos Sinóticos: Ap 8.7: “Fogo atinge a terra e a erva verde é queimada”. Ap 9.4: “e foi-lhe dito e não causassem dano a erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão somente aos homens que não tem o selo de Deus sobre a fronte”. Também está em contraposição à plantas cultivadas: Mt 6.30/Lc 12.28: “Ora se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno” (aqui refere-se aos lírios que crescem no campo); Tg 1.10-11: “e o rico (se glorie) na sua insignificância, porque ele passará como a flor da erva. Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e sua flor cai, e desaparece a formosura de seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos”. 1Pd 1.24: “Pois, toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, cai a sua flor”. Mas, também como o primeiro estágio do crescimento de plantas cultivadas: Mt 13. 26: “e quando a erva cresceu (referindo-se ao trigo que cresceu) e produziu fruto, apareceu também o joio”.

O dicionário Gemoll⁵⁶ traduz *chórtos* como feno, pastagem, grama, mas aponta também para a possibilidade de indicar o próprio lugar da pastagem.

⁵⁵ ELTROP, 1996. p. 63. “Vor allem im römischen oikos Ähnelt die rechtliche Stellung eines leiblichen Sohnes, solange dieser unter der potestas – Gewalt seines Vaters stand, der eines Sklaven.”

⁵⁶ GEMOLL, Wilhelm. **Griechisch-Deutsches Schul- und Hadwörterbuch.** G.Freytag Verlag/ Hölder-Pichler-Tempsky, München/Wien, 1957.

Este como outros termos usados no Novo Testamento refletem o quanto o movimento de Jesus era predominantemente de interior. Nas parábolas, os exemplos mais usados são da natureza e do mundo agrícola.⁵⁷ Há pelo menos uma versão das narrativas da partilha que considera a informação sobre a existência de vegetação como relevante e a vincula com o acomodar-se, tomar lugar (Mt 14.19; Mc 6.37 e Jo 6.10).

Kpitiós: O pão de cevada - Indicação considerada decisiva para mostrar a situação de pobreza. *2Rs 4.42*: pães das primícias que satisfazem muitas pessoas são de cevada. Explicitamente sobre pão de cevada só é falado em João 6.9. Mas, em Apocalipse 6.6 há um indicativo para o seu valor em relação ao trigo: “por um denário três quilos de trigo, por um denário, três quilos de cevada”. É conhecido como o pão dos pobres e era cultivado em regiões de pouca chuva, no semi-árido e ao norte do Negev.⁵⁸

O estudo destes termos nos aponta para várias especificidades de João 6.1-15 e nos levam a perguntar pelas ênfases dadas na pesquisa sobre este texto. Escolhemos apenas alguns comentários e os apresentamos por ordem cronológica.

2.2. Comparação com narrativas paralelas nos Evangelhos sinóticos

John Meier⁵⁹ no livro “Jesus, um judeu marginal” analisa os assim chamados “milagres da natureza”. Entre estes inclui as narrativas sobre a alimentação da multidão. Ele explica que usa este título

Por uma questão de brevidade, uso em geral, a expressão reduzida ‘a alimentação da multidão’ ou ‘a história da alimentação’ para designar o que normalmente se conhece como a ‘multiplicação dos pães e dos peixes’. Esse título mais breve tem a vantagem de restringir-se a palavras que de fato aparecem na narrativa.⁶⁰

Ele faz um minucioso estudo comparativo entre a versão de João e as versões dos sinóticos. Conclui que “não só Jo 6 é uma versão independente do milagre da alimentação, mas também que Mc 6 e Mc 8 representam duas formas alternativas do mesmo milagre, ambas circulando na tradição pré-marciana da primeira geração cristã.”⁶¹

⁵⁷ Procurei literatura sobre os lugares onde crescia *chortos* e as diversas espécies existentes, porém nada encontrei a respeito. Por exemplo, Zohary, Michael. *Pflanzen de Bibel*. Stuttgart, Calwer Verlag, 1995. Presumo que isto seja por se considerar a existência sazonal destas plantas como algo natural e portanto sempre de novo brotando. Porém, hoje sabemos que a interação das pessoas com a natureza pode levar espécies à extinção e não podemos deixar de valorizar cada espécie, seja ela vegetal ou animal.

⁵⁸ Confirma ZOHARY, 1995. p. 76.

⁵⁹ MEIER, John P. **Um Judeu Marginal**. Repensando o Jesus Histórico. Rio de Janeiro: Imago, 1998. Vol. 2, Livro 3.

⁶⁰ MEIER, 1998, p.599.

⁶¹ MEIER, 1998, p.529.

Depois de sugerir uma versão primitiva da história na qual as crianças não são mencionadas como personagens, apenas a multidão em geral, o autor discute a historicidade do milagre. Seguindo outros pesquisadores, apresenta a possibilidade de esta ser uma narrativa criada a partir das histórias de milagres do Antigo Testamento, das palavras e gestos eucarísticos de Jesus na última Ceia e da sua repetição nas comunidades primitivas. Estuda as semelhanças com o texto do Antigo Testamento mais próximo 2Rs 4.42-44, onde cem pessoas são alimentadas com vinte pães de cevada.

Destaca que somente a versão de João menciona os pães de cevada.

Existe ainda uma outra explicação possível para a tradição de João ter incluído a especificação de pães de cevada. Só João menciona que o milagre ocorre perto da Páscoa judaica, que é o tempo da colheita da cevada. Portanto, o fato de João precisar que o pão era de cevada poderia ser apenas sua forma de enfatizar seu precioso simbolismo da Páscoa judaica.⁶²

A posição de Meier é a de meio termo, admite influência da história de Eliseu e também das narrativas da Última Ceia, mas não considera esses paralelos tão maciços e entranhados, a ponto de a origem da história do milagre da alimentação poder ser inteiramente explicada recorrendo-se apenas à narrativa de Eliseu ou à tradição da Última Ceia.⁶³ Pois os peixes não encontram paralelo em nenhuma das narrativas mencionadas, ainda que haja múltiplas fontes e tradições independentes.

Menciona que em muitas outras tradições Jesus fez notar sua presença em reuniões festivas. E são sempre banquetes onde eram incluídos os excluídos, tanto do ponto de vista social como religioso. Atesta este autor a dificuldade da reconstrução histórica exata do que aconteceu, mas afirma que

Por trás das histórias do evangelho sobre Jesus alimentando a multidão tenha existido uma especialmente memorável refeição comunal de pães e peixes, com implicações escatológicas, celebradas por Jesus e seus discípulos com uma grande multidão, junto ao mar da Galiléia. Se algo realmente miraculoso ocorreu não temos como verificar com os meios disponíveis ao historiador. Uma decisão contra ou a favor, em última análise, dependerá da visão de cada um, e não do que a pura investigação histórica nos pode dizer acerca desse evento.⁶⁴

No seu ministério Jesus realizava alegres refeições com significado escatológico: (Mc 2.15-17 par. Cf. Lc 15.1-2; 19.1-10; Mt 11.18-19// Lc 7.33-34) (Mt 8.11-12// Lc 13.28-29; Mc 14.25 par.).

Em síntese, Meier conclui que “a história do milagre da alimentação da multidão pode ter se baseado em uma refeição simbólica que o Jesus histórico tenha celebrado com um

⁶² MEIER, 1998, p.533.

⁶³ MEIER, 1998, p.537.

⁶⁴ MEIER, 1998, p.539.

grande grupo de pessoas junto ao mar da Galiléia e que talvez tenha sido interpretada como milagrosa somente mais tarde pela igreja primitiva”.⁶⁵

A preocupação da análise de Meier é uma reconstrução literária e histórica. Suas conclusões acima descritas destacam o protagonismo de Jesus e mostram o quanto as refeições desempenhavam um papel relevante no seu ministério e tinham também um caráter simbólico. É impressionante que seu longo estudo faça apenas uma menção à criança presente no Evangelho de João, e isto em uma nota de rodapé, citando outros autores que descartam a possibilidade do menino ser seguido em sua atitude exemplar de dividir o que tem.⁶⁶ No entanto, sublinhamos a relevância deste estudo pelo fato deste autor mostrar a dimensão simbólica das refeições no movimento de Jesus e considerar historicamente provável uma refeição partilhada por uma multidão. Que entre esta multidão havia mulheres e crianças as diversas menções a elas, mesmo que seja para dizer que elas não contam (Mt 14.21; 15,38), nos dão pistas suficientes.

2.3 Aspectos de estudos sobre João 6. 1-5

Partindo da pergunta de como é vista e interpretada a criança mencionada no texto lemos os comentários e transcrevemos os tópicos relacionados com a mesma. Os comentários que valorizam a sua presença e significância ocuparão maior espaço.

Jesus “aceita de um rapaz o seu farnel⁶⁷ e com este alimenta o povo”.⁶⁸ Este comentário pressupõe que seja um rapaz que leva o seu lanche e o oferece para ser partilhado, considera a sua presença, mas se restringe a mencioná-lo.

R. Brown⁶⁹ fala dos aspectos específicos do Evangelho de João e entende o detalhe do moço, em inglês (lad), como uma memorização da história de Elias em 2Rs 4.42 onde um escravo jovem recebe a ordem de oferecer vinte pães diante de 100 homens. O que se deve questionar é que Brown coloca a fala do discípulo André como sendo articulada na mesma perspectiva que a do moço, pois em 2 Rs de fato o moço mencionado faz o questionamento sobre a quantidade de pães, mas em João é o discípulo que pergunta: “*o que é isto para tanta gente?*” (v.9).

⁶⁵ MEIER, 1998, p. 542.

⁶⁶ MEIER, 1998, p. 615.

⁶⁷ Farnel: “saco para provisões de jornada”. Conforme dicionário Aurélio, p. 612.

⁶⁸ ERDMANN, Charles. **O Evangelho de João**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1965. p. 56.

⁶⁹ BROWN, Raymond E. **The Gospel according to John (i-xii)**. Doubleday&Company. New York, 1966. p. 248.

H.Strathmann⁷⁰ menciona André que viu um menino no meio da multidão. Este tinha cinco pãezinhos de cevada e dois peixes. De pão de cevada somente João fala. Pão de cevada era considerado inferior, o pão dos pobres, mas João deve mencioná-los por causa do texto de 2Rs 4.42. Para André até parece ridículo que ele menciona isto, mas para Jesus esta impossibilidade aparece como uma possibilidade concreta.

C.H. Dodd⁷¹ aborda o texto apenas como terceiro episódio das narrativas dos sinais, mas fala no conjunto do capítulo 6 cujo tema dominante é o Pão da Vida. Destaca a menção da Páscoa como aspecto que faz o leitor cristão lembrar que a Páscoa cristã é a Eucaristia.

Rudolf Schnackenburg⁷² estabelece uma relação inseparável entre o sinal da multiplicação da comida (6.1-15), o andar sobre as águas (6.16-21) e o discurso de Jesus sobre o pão (6.27-51). Nesta redação, o objetivo seria “dar a conocer su alteza divina y su proximidad protectora”.⁷³ Menciona o menino (muchacho) apenas ao lado do discípulo André como argumento insuficiente para significar um melhor conhecimento histórico dos acontecimentos. Os pães de cevada são relacionados com a história de Eliseu (2 Rs 4.42-44) para demonstrar o quanto Jesus supera o homem vétero-testamentário.

Na interpretação deste autor, o enfoque todo está centrado em Jesus Cristo e, ao invés de focar os aspectos da relacionalidade das pessoas, do ambiente, das tradições e das épocas, a opção do autor é pela valorização da ruptura. Esta é uma tendência bastante difundida entre exegetas do Novo Testamento que aos poucos vem sendo questionada, pois só podemos entender o novo se conhecermos suas raízes e conexões. É preciso valorizar no texto todo o paralelismo com a narrativa do Êxodo, desde a proximidade da Páscoa até o seguimento do líder por causa dos sinais vistos.

Schnackenburg interpreta a menção de “muita erva” como interesse do Evangelista no

Tiempo salvífico de pascua (cf.v.4). La mucha hierba da al banquete un carácter festivo. Jesús, el pastor mesiánico, conduce a su pueblo – que no es ya el viejo Israel sino el pueblo universal de Dios – a verdes pastos (cf. Sl 23,2) y le asegura una alimentación abundante en las dehesas con el manjar de la vida (cf. 10,ss).⁷⁴

Este autor faz uma detalhada comparação com as narrativas dos sinóticos para mostrar que é importante distinguir entre a tradição anterior e as intenções e os interesses teológicos próprios de João, não deixando de mencionar que é problemático distinguir entre o

⁷⁰ Confira STRATHMANN, H. *Das Evangelium nach Johannes*. Gottingen: Vandenhock&Ruprecht, 1968. p.109.

⁷¹ DODD, C.H. *A interpretação do quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977. p.440-441.

⁷² SCHNACKENBURG, Rudolf. *El evangelio según San Juan*. Tomo segundo. Herder: Barcelona, 1980.

⁷³ SCHNACKENBURG, 1980, p. 31.

⁷⁴ SCHNACKENBURG, 1980, p.46.

que de fato é originário e o que é redacional. Neste questionamento inclui o “muchacho” “(reminescência del servidor de 2Rs 4.43?)”. Assim, deixa de considerar a presença deste muchacho como um fator a ser considerado quando aborda as intenções teológicas do evangelista João: mostrar Jesus como o profeta escatológico superior a Moisés e como Pão da Vida descido do céu.⁷⁵

J. Mateos⁷⁶ diferencia-se dos comentaristas até aqui apresentados por destacar o menino e perguntar pelo seu significado:

A figura do menino, que se encontra em Jo é desnecessária do ponto de vista narrativo. Para o fato de satisfazer à necessidade do povo, tanto fazia que o dono dos pães fosse menino ou adulto. É preciso examinar, portanto, o seu significado. A figura do menino reduz ao mínimo o ponto de origem daquilo de que sairá a solução. Por sua idade e condição, ele é fraco, física e socialmente, o mais desproporcionado à magnitude do problema. O menino é pobre, e seu alimento de ínfima qualidade (de cevada) é escasso.⁷⁷

A partir desta constatação ele pergunta pelo significado deste menino estabelecendo relação entre sua presença mencionada ‘aqui’ com o ‘ali’ dos discípulos no v.3. O menino está onde estão os discípulos. “Representa, portanto, o grupo dos discípulos que estão com Jesus, em sua condição de fraqueza e sua pobreza de recursos, o que explica o fato de o menino desaparecer e não se encontrar entre os comensais (6,10 homens adultos)”.⁷⁸ A partir da possibilidade de tradução de “criadinho” no lugar de menino, os autores sugerem que se queira designar a comunidade como servidora da multidão, seguindo o exemplo de Jesus, que ele mesmo distribuiu os pães e os peixes e em João 13, veste o avental e lava os pés dos discípulos. Como o menino é tomado por este autor como uma chave de leitura para a interpretação do texto, nós descrevemos de maneira mais detalhada suas conclusões também em relação ao todo do texto. Jesus ordena que se acomodem como pessoas livres. Há lugar digno para todos sem distinção. Os discípulos, a comunidade tem a tarefa de servir.

A grama que cobre o lugar é interpretada como cumprimento da promessa da fecundidade própria do tempo messiânico (cf. Sl 72.16: “brotem as espigas como as ervas do campo”). Numa releitura do Êxodo é a nova Páscoa da libertação, sem pressa.

O autor enfatiza que ao falar especificamente de homens adultos como aqueles que se alimentaram tem significado simbólico porque “os membros da comunidade de Jesus são levados pelo Espírito ao pleno desenvolvimento humano”.⁷⁹ Com esta afirmação o autor

⁷⁵ SCHNACKENBURG, 1980, p.49.

⁷⁶ MATEOS, Juan. **O Evangelho de João**, análise lingüística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 2000.

⁷⁷ MATEOS, 2000, p. 291.

⁷⁸ MATEOS, 2000, p. 291.

⁷⁹ MATEOS, 1989, p.294.

procura dar uma explicação para o silêncio sobre as crianças e as mulheres, praticamente justificando a sua exclusão. Além disso, o autor parte das concepções vigentes sobre crianças e adultos, sem questionar as relações hierárquicas que estas refletem e sedimentam. Pois reproduz um tipo de concepção de humanidade na qual o padrão de desenvolvimento é ascendente e a plenitude é representada pelo homem adulto.

Sobre o v.11, a ação de graças, Mateos enfatiza que Jesus parte do que tem, sem criar dependências externas e introduz um elemento novo: a gratidão a Deus. Assim, ele reconhece que tudo o se tem na verdade vem de Deus, é algo recebido. Fruto da criação de Deus e do trabalho humano, deixando de ser propriedade de uma pessoa.

Ao reconhecer sua origem última em Deus, como dom seu, desvinculam-se do seu possuidor humano, o menino-grupo dos discípulos, para tornar-se propriedade de todos, como a própria criação. O sinal que Jesus dá, ou o prodígio que realiza, consiste precisamente em libertar a criação da monopolização egoísta que a esteriliza, a fim de que se torne dom de Deus para todos.⁸⁰

O que faz ter o suficiente é a ação de graças, o reconhecimento que o se tem é de todos e aí há mais do que o necessário. E não há determinação da quantidade que cabe a cada qual. Todos podem se satisfazer. A generosidade de Deus é celebrada em continuidade a dádiva de seu próprio Filho. Por isso, nada pode se perder das dádivas, a comunidade deverá dar continuidade a novas partilhas (v.12). Jesus é reconhecido como profeta por alguns, por outros, entendido como rei. Mas, Jesus foge desta concepção: “Para saciar a multidão, não partiu de posição de superioridade e força, e sim de debilidade e escassez de recursos da própria comunidade, figurada por um menino. A fonte de abundância que abriu é a generosidade mesma de Deus, capaz de multiplicar o que parece desproporcionado ao objetivo”.⁸¹ A sua ação e proposta ainda não são entendidas. A expectativa das pessoas é de um poder de chefe que faz por e não de poder serviço e partilhado.

Marga Ströher igualmente valoriza a presença da criança. Em seu estudo sobre João 6.1-15, aponta para os fios que permeiam texto e contexto e estão enraizados no cotidiano de uma comunidade marcada por carência e escassez e na qual Jesus anuncia vida em abundância. “O que estava nas mãos da criança é indicado como oferta para saciar a fome de muitas pessoas”.⁸²

⁸⁰ MATEOS, 1989, p.294.

⁸¹ MATEOS, 1989, p.296.

⁸² STRÖHER, Marga J. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de Jo 6.1-15. In: **Estudos Teológicos**. Ano 46- N.1-2006. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. p. 111.

Ela afirma que no relato de João, o alimento é colocado no centro da narrativa. “A criança é apresentada como paradigma e como quem tem os meios para fazer acontecer a partilha. Porém não lhe é dada voz ativa. A criança disponibiliza os recursos e os meios de partilha, participando do processo, mas não faz perguntas, não contesta.”⁸³

A memória de sua ação chega até nós apenas pela sua presença física, seu corpo que não pode ser invisibilizado, ignorado. No contexto do Evangelho de João é uma presença incômoda porque é um Evangelho diferente dos sinóticos que trazem muito mais narrativas sobre crianças. Mas esta menção basta para nos perguntar sobre a maneira como percebemos as crianças em nosso meio.

A busca de uma hermenêutica na perspectiva das crianças nos incomoda porque exige que nós mesmos nos deixamos perguntar como nós nos percebemos em relação à elas. Não podemos dizer como as vemos e percebemos sem revelar nossos próprios conceitos e percepções.

A criança tem em suas mãos pães e peixes. Jesus recebe esses alimentos e são mencionados cinco mil homens para comê-los. Mulheres e crianças não contam, mas esse menino denuncia a presença de crianças em meio à multidão. Na construção desta narrativa, também Jesus não é descrito como alguém que dá atenção ou valoriza a criança. Ele apenas faz uso do que a criança tem para fazer os sinais e fazer a multidão reconhecer nele o profeta que viria ao mundo.

Porém, ao não ignorar aquilo que a criança tem, como a observação do discípulo insinua, Jesus valoriza a sua presença. E isto acontece explicitamente em outras narrativas no próprio Evangelho de João: “Quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus. Precisa tornar a ver como criança” (3.3-7).

Marga Ströher mostra ainda que o discurso do capítulo 6 do Evangelho de João é perpassado pelos contrastes: “fome/morte e comer/comida/vida”.⁸⁴ Em situação de carência com a presença de Jesus é anunciada a vida em abundância. A presença da criança é percebida pelo que ela oferece para partilhar, mas o protagonista da oferta é André, um dos discípulos de Jesus.

A partilha em João 6 acontece a partir daquilo que a comunidade tem a disposição e não daquilo que é uma concessão por alguém de fora. E, nesse caso, são cinco pães de cevada e dois peixes secos, que estão em posse de uma criança. A relação que se

⁸³ STRÖHER, 2006, p. 112.

⁸⁴ STRÖHER, 2006, p. 110.

estabelece é de uma economia solidária. Pães de cevada são alimentos dos pobres, pois a cevada tem o valor de mercado em relação ao trigo.⁸⁵

A partir de Boaventura Souza Santos⁸⁶ a autora apresenta uma concepção ampla de ecologia de tal forma que ela engloba todas as dimensões da vida e suas formas de organização, incluindo as religiosas. Assim, afirma que “na comunidade cristã, conforme a narrativa de João 6, não há desconexão entre o pão da mesa e o pão do altar, ambos são parte da mesma substância e sagrados como tal. As sobras ou as migalhas do pão multiplicado – do piquenique na Galiléia – são assunto de importância para Jesus e para as pessoas ali reunidas, e são tratadas com cuidado e respeito.”⁸⁷ Por isso a atenção no recolhimento das sobras para redistribuí-las, evitando desperdício e destruição.

Se a partilha do pão em plena relva para saciar a fome do povo foi entendida pelas primeiras comunidades cristãs como ato sagrado e vínculo de espiritualidade com os semelhantes e com Deus, na tradição cristã que se seguiu essa dimensão foi perdida. Fez-se uma separação entre pão como alimento espiritual e pão como alimento corporal, já que o corpo ficou fragmentado entre alma, espírito e carne.⁸⁸

Seguindo sua reflexão, ela enfatiza que o quanto mais se sacralizou o pão do altar, tanto mais se dessacralizou o pão e as relações cotidianas. Supomos que esta dessacralização da vida cotidiana é um dos fatores que leva também a uma separação cada vez maior entre as gerações e nos faz ficar cegos diante das dimensões do simbólico, dos afetos e não por último da solidariedade possível entre as pessoas.

2.4 O contexto redacional do Evangelho de João

No Evangelho de João, no qual a criança é mencionada, temos uma série de peculiaridades se o compararmos com os Evangelhos sinóticos. Trata-se de uma narrativa posterior aos sinóticos que tem sua origem entre as comunidades do discípulo amado, primeiramente judeus, especialmente da Galiléia, onde a liderança de Maria Madalena se destaca ao lado de samaritanos e helenistas. “As comunidades que estão por trás do 4º Evangelho têm, como centro de sua vivência, a prática radical do amor, da hospitalidade e da solidariedade”.⁸⁹ Perpassam todo o Evangelho as influências da tradição israelita.

Como principais objetivos do Evangelho em João 20.30-31 está explicitado: “Muitos outros sinais Jesus fez na presença de seus discípulos e que não constam neste livro. Estes

⁸⁵ STRÖHER, 2006, p. 114.

⁸⁶ STRÖHER, 2006, p. 112.

⁸⁷ STRÖHER, 2006, p. 112.

⁸⁸ GASS, Ildo Bohn. As comunidades cristãs a partir da segunda geração. **Uma introdução á Bíblia**. vol. 8. São Leopoldo:CEBI, São Paulo:Paulus, 2005. p. 119.

⁸⁹ GASS, 2005. p.120.

foram escritos para que creiais que Jesus Cristo é o Messias, o Filho de Deus, e para que crendo tenhais vida por meio dele”.

Segundo Mesters, Orofino e Lopes⁹⁰ o Evangelho de João está dividido em cinco partes:

1. Prólogo: 1.1-18;
2. Livro dos sinais: 1.19 a 11.54;
3. Ligação entre os dois livros: 11.55 a 12.50;
4. Livro da glorificação: 13.1 a 20.31;
5. Epílogo: 21.1-25

Seguindo esta estrutura do texto, o capítulo 6.1-15 ocupa o lugar central no Livro dos Sinais:

- O primeiro sinal: a transformação da água em vinho em Caná (2.1-12);
- O segundo sinal: a cura do filho de um oficial do rei em Caná (4.46-54);
- O terceiro sinal: a cura de um paralítico em Jerusalém (5.1-18);
- O quarto sinal: a multiplicação dos pães e dos peixes na Galiléia (6.1-15);
- O quinto sinal: Jesus anda sobre o mar (6.16-21);
- O sexto sinal: a cura de um cego de nascença (9.1-41);
- O sétimo sinal: A ressurreição de Lázaro (11.1-44);

O Evangelho de João se limita a descrição destes sete sinais. Os chama de sinais e não de milagres como os outros Evangelhos. Sete é número simbólico para a plenitude. O seu objetivo é levar as pessoas a tomarem uma posição. Os sinais podem conduzir as pessoas à fé (2.11), a crer em seu nome (2.23; 5.53; 11.45); a persegui-lo e fazer planos para matá-lo (5.16-18); a confirmar que ele era de fato o profeta que haveria de vir ao mundo (6.14). Mas, no Evangelho de João, Jesus demonstra sua desconfiança em relação a uma fé que precisa constantemente de sinais. Não é preciso “ver para crer” (20.29). Por isso, os sete sinais bastam”. Os sinais feitos por Jesus são expressão do amor de Deus pela Humanidade. Desta forma João busca ligar Jesus às manifestações da glória de Deus no Antigo Testamento. No AT ‘glória’ é a manifestação visível do Deus invisível através de atos e feitos extraordinários (Ex 16.7-10; 24.17; Nm 14.11-22; Dt 7.19; 29.1-3). Através destes sete sinais extraordinários

⁹⁰ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco; LOPES, Mercedes. **Raio-X da Vida**. Círculos Bíblicos do Evangelho de João. São Leopoldo: CEBI, 2000.

de Jesus a comunidade pode ter certeza de que Deus continua junto com o povo num novo êxodo para liberdade.”⁹¹

A palavra crer é central e é mencionada 89 vezes no Evangelho de João. O objetivo do escrito é levar as pessoas a crer e ter vida por meio do Messias Jesus. Vários fatores estavam dificultando a vida comunitária neste período: perseguições vindas de autoridades judaicas e romanas; modo de pensar gnóstico e pressão de outras comunidades cristãs cujas estruturas eram hierárquicas.⁹² A grande ênfase é colocada no amor de Jesus e na importância de permanecer nele.

Também ocorre neste Evangelho uma releitura das tradições de Israel: da Teologia da Criação onde a palavra vida e vida eterna, no sentido de vida com Deus; do Êxodo, onde Jesus se apresenta como o novo Moisés que vem trazer a liberdade (1.17-45; 5.46; 6.32; 7.19); da Teologia da Aliança - no lugar da lei Jesus é apresentado como a Luz do mundo e como aquele que tem o amor maior, que dá a sua vida por seus amigos (15.13).

Segundo Bohn Gass

a proposta das comunidades do Discípulo Amado quanto ao exercício da autoridade é a partilha do poder (João 13,1-17). Colocam mulheres e escravos, pessoas sem poder e que tinham a obrigação de lavar os pés de seus maridos e senhores, como exemplos de autoridade. Portanto, as igrejas joaninas vivem um discipulado de iguais, onde o poder é participativo e exercido com a força do Espírito.⁹³

O mais provável é que a autoria do 4º Evangelho é das lideranças das comunidades do Discípulo Amado da 3ª geração, com estilo grego, mas forte influência judaica. “A edição final terá sido pelo ano 110. O local onde foi elaborado o 4º Evangelho pode tanto ser a Síria como a Ásia Menor, talvez Éfeso”.⁹⁴ Sua linguagem é teológica e simbólica trazendo sempre um sentido que ultrapassa a dimensão histórica social que elas expressam em si.

Apesar de João apresentar grande parte de material exclusivo, há vários textos comuns com os demais Evangelhos:

- O testemunho de João Batista e o batismo de Jesus (1.19-34);
- A expulsão dos vendedores no templo (2.13-16);
- A partilha dos pães (6.1-15);
- Jesus caminhando sobre as águas (6.16-21);
- A unção em Betânia (12.1-8);

⁹¹ MESTERS;OROFINO;LOPES, 2000, p. 65.

⁹² GASS, 2004, p. 124.

⁹³ GASS, 2004, p. 119.

⁹⁴ GASS, 2004, p. 120.

- A entrada triunfal em Jerusalém (12,12-19);
- O anúncio da traição (13.21-30);
- A paixão-ressurreição (18-20).

Porém, mesmo tendo este material comum, há várias diferenças nos detalhes destes textos. Mencionamos aqui apenas aqueles que dizem respeito ao texto que estamos estudando:

1. Nos sinóticos são narrados aproximadamente 35 milagres, porém em João apenas 7 sinais. Destes apenas dois são comuns com os sinóticos: a partilha dos pães (6.1-15) e Jesus andando sobre as águas (6.16-21).
2. Em João temos três referências à Páscoa (2.13; 6. 4; 11.55) e a menção de uma festa não identificada, a Festa das Tendias (7.2) e da Dedicção (10.22). Nos sinóticos temos apenas uma referência à Páscoa.
3. Em relação a crianças temos neste Evangelho poucas menções. Nos sinóticos há uma grande variedade e textos nos quais crianças são mencionadas e até destacadas. Como nas narrativas sobre o nascimento de João Batista e de Jesus em Lucas. Já em Mateus apenas é mencionada a infância de Jesus.
4. Enquanto nos Sinóticos “quem não se converter e se tornar como criança de modo algum entrará no Reino dos Céus” (Mt 18.3), e “Quem não receber o Reino como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Mc 10.15 e Lc18.17). Em João temos: “Se alguém não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3.3). Nascer de novo pode ser interpretado no sentido de voltar a ser criança.

É Rubem Alves quem chama a nossa atenção para este aspecto específico no Evangelho de João, de **ver** o Reino de Deus. Conforme este autor, “são as crianças que vêm as coisas – porque elas as vêm sempre pela primeira vez com espanto, com assombro de que elas sejam do jeito como são. Os adultos de tanto vê-las, já não as vêm mais. As coisas - as mais maravilhosas - ficam banais. Ser adulto é ser cego”.⁹⁵ Seguindo seus argumentos, ele questiona as autoridades reconhecidas das ciências sociais e humanas que sustentam que “o conhecimento é a luz que nos faz ver” e afirma que os “sábios sabem o oposto: existe uma progressiva cegueira das coisas à medida em que o seu conhecimento cresce. Termina citando Fernando Pessoa: “Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la. Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez. As crianças nos fazem ver a eterna

⁹⁵ ALVES, Rubem. (Org.) **Culto Arte: celebrando a vida: advento, natal, epifania**. Campinas: CEBEP; Petrópolis: Vozes, 1999. p. 26.

novidade do mundo”.⁹⁶ Em outro texto, no qual fala para sua neta, Rubem Alves exemplifica como o *ver* tem implicações sobre a maneira como falamos de Deus.

Os adultos pensam que o maior e o mais caro são o melhor. Pensam que a alegria e os deuses vêm empacotados em embrulhos grandes. Por exemplo: quando falam em Deus, pensam logo numa coisa grande, muito grande, terrível, do tamanho do universo, e ficam falando em coisa que o pensamento não entende, como tempo de bilhões e anos e distâncias de anos luz. Não sabem que a alegria, o maravilhoso, o divino estão ali pertinho, ao alcance da mão. Divina é uma gota de orvalho, uma amora roxa, uma cambalhota de tiziu, um raio de sol numa teia de aranha, a cor de uma joaninha, um bombom, uma bolinha de gude, um amigo, uma acertada de bilboquê: coisas pequenas, sem preço. Como você. Você é pequenininha e, ao preço de mercado, não deve valer muito. Mas você é mais maravilhosa que o universo inteiro. Porque você tem o poder de dar alegria e de sentir alegria. O universo não tem. Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isso em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de”. brinquedos. Deus vê o mundo com olhos de criança. Está sempre à procura de companheiros para brincar.⁹⁷

Esta é uma perspectiva diferenciada em relação às crianças. Interpela para perceber as crianças como aquelas que tem algo a nos ensinar, a mostrar possibilidades também lá onde, como adultos, já não as vemos. Convida para olhar com curiosidade, admiração, vontade de descobrir novidades, buscar a superação daquilo que causa tristeza, dor, angústia e morte. Convida para questionar a lógica que vê a solução no dinheiro e na compra que predomina no sistema do mundo das pessoas adultas

Esta perspectiva da importância do *ver* como uma capacidade impar das crianças nos levou a perceber a importância do verbo *ver* em João 6.1-15.

Em João 6.5 Jesus *vê* a multidão que vem até ele, e este *ver* o faz perguntar. O povo quer *ver* sinais e Jesus *vê* a multidão. André, o discípulo, *vê* a criança com os pães e os peixes, mas não percebe nele a solução. Somente o olhar e a ação de Jesus trazem a solução. E a multidão *vê* o sinal, mas ainda não percebe a projeto maior vinculado a ele: quer proclamá-lo rei, assim ele precisa retirar-se sozinho para o monte (6.15).

2.5 Síntese

Podemos ignorar a presença da criança e o fato de ser ela quem tem os alimentos e os dispõe para a partilha. Mas, podemos também nos deixar seduzir e brincar com a possibilidade de ela trazer a proposta da disponibilização daquilo que cada qual traz e tem. Como criança estava entre a multidão que seguiu Jesus, o ouviu e tinha algo a partilhar. Para chegar até o mestre, sua oferta vem intermediada por um adulto. Mas, na redação do texto a sua presença não foi ignorada, mesmo não sendo contabilizada, conforme os outros relatos

⁹⁶ ALVES, 1999, p. 26.

⁹⁷ ALVES, Rubem. *Coisas que dão alegria*. São Paulo:Paulus, 2001. p. 11-12.

ênfatizam. No seu silêncio fala e deixa um sinal. Na construção das narrativas dos outros Evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) esta presença silenciosa foi ignorada, não é mencionada, mesmo que não totalmente, porque as crianças estão com as mulheres entre os que não contam. Ao dizer que não contam, faz-se lembrar da sua presença e possibilita a pergunta pelas relações estabelecidas entre elas e os adultos presentes.

Na narrativa do Evangelho de João a preocupação com a fome da multidão reunida é de Jesus (v.5). A lógica na qual os discípulos se movem é a da compra. “*Onde compraremos pães para que comam?*” A resposta dada por Filipe, não é resposta para a pergunta feita. Ela reflete a necessidade de uma grande quantia de dinheiro para comprar o pão necessário. E, mesmo assim, nesta lógica este não seria o suficiente. Só a aceitação de uma oferta gratuita e a partilha fazem sobrar e possibilitam guardar, para que nada se perca.

As interpretações de Marga Stöher e Juan Mateos trazem aspectos que mostram a diversidade de resultados quando a pergunta pelas crianças não é deixada de lado e as condições de vida concreta são consideradas relevantes para a interpretação teológica.

Os estudos sobre o contexto do Evangelho ajudam a compreender as temáticas do pão, da partilha de pão e poder, da concepção de poder-serviço, da liderança das mulheres e do ver o Reino de Deus permeando todos os fios que o tecem. A temática das crianças, mesmo estando pouco presente, ganha sob o aspecto do protagonismo. Porém, para melhor compreender o seu significado, faz-se ainda necessário buscar informações sobre as crianças nos contextos das comunidades cristãs primitivas, para depois elaborar pistas hermenêuticas e refletir sobre as implicações destas para a prática pastoral e para a vida das comunidades eclesiais. E isso é o que faremos no terceiro capítulo.

3 - HERMENÊUTICA BÍBLICA NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS



3.1 Proposta de uma exegese e hermenêutica sócio-simbólica

Francisco Reyes Archila⁹⁸ é um dos poucos teólogos que escreveu sobre hermenêutica bíblica e as crianças. Ele aponta para os limites das hermenêuticas bíblicas racionais que no contexto da sociedade patriarcal excluem e esquecem as crianças, deixando inclusive de lado memórias e valores da infância. Segundo este autor “os métodos de exegese racional prestaram pouca atenção a situação e intervenção das crianças na Bíblia quando isto é feito, na exegese sociológica, por exemplo, é reduzido à situação social de marginalização das crianças.”⁹⁹

⁹⁸ ARCHILA, Francisco Reyes. Voltar a ser crianças, uma bela utopia. **RIBLA**, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n.24, 1996/2, p. 53-70.

⁹⁹ ARCHILA, 1996, p. 54.

Ele propõe uma leitura sócio-simbólica que reconstrói as utopias através da recuperação da linguagem e da cosmovisão dos textos bíblicos que deixa “escutar a voz e sentir os sentimentos das crianças” e delinea um “novo paradigma hermenêutico mais simbólico e mais mítico [...] que faça justiça àquelas dimensões profundas do ser humano [...] e que nos permita redescobrir assuntos e dimensões esquecidas e insuspeitadas na compreensão dos textos bíblicos.”¹⁰⁰ Para chegar a isto sugere a busca de um novo paradigma que vá além dos métodos exegéticos e hermenêuticos tradicionais e racionais como os histórico-críticos, lingüísticos e sociológicos e que valoriza e dá acesso “a outras maneiras ou experiências de compreender, sentir, exprimir a realidade e as utopias (não exclusivas nem excludentes)” aprendendo “das culturas populares, das perspectivas de gênero e das primeiras etapas de nossa existência como pessoas (infância).”¹⁰¹ Destaca a importância dos símbolos ou do simbólico para a preservação da memória e construção da esperança.

Exemplificando sua proposta Archila nos traz uma exegese sócio-simbólica de Marcos 10.13-16.

Seu estudo apresenta os seguintes passos: a- imaginação da cena a partir dos grupos de adultos sobre o que as meninas e os meninos do texto poderiam ter sentido, feito e pensado em tal situação; b- contexto literário no qual o texto está inscrito; c- compreensão de alguns gestos simbólicos presentes no texto; d- análise de expressões orais simbólicas; e- compreensão da proposta de Jesus no contexto patriarcal da época; f. sentido teológico da proposta de Jesus; g – atualização.

Destacamos somente algumas de suas conclusões:

1. o sentimento predominante é a atenção e a valorização de um adulto;
2. a proposta de Jesus é uma reação à mentalidade e atitude hierárquicas dos discípulos;
3. tomar as crianças nos braços, é gesto profético porque sua exclusão é denunciada;
4. “criancinhas são, portanto, o ideal e a imagem do justo. Fazer-se como uma criancinha é fazer-se justo; fazer-se justo é fazer-se como criança. Os sentimentos, pensamentos e ações das crianças são profundamente transparentes. Não é possível, portanto, compreender, ou imaginar, ou sonhar,

¹⁰⁰ ARCHILA, 1996, p. 56-7.

¹⁰¹ ARCHILA, 1996, p. 57.

ou crer, ou entrar no reino de Deus a não ser fazendo-nos como crianças, pessoas profundamente transparentes sem seus pensamentos, sentimentos e ações”.¹⁰²

5. linguagem do texto reflete a exclusão de se mulheres e crianças “*Os que comeram eram cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças*” e Jesus rompe com esta exclusão;
6. Deus que nasce como criança e abraça “recria a imagem marcada por traços maternos (femininos e infantis)”.¹⁰³
7. diante do caráter patriarcal da sociedade capitalista que quer romper desde o princípio a possibilidade de viver experiências infantis e femininas todas elas vinculadas a gratuidade, há uma maneira de lidar com o tempo sem calcular seu valor comercial. Archila entende que devemos

“aprender a ser como crianças, sem deixar de viver o positivo da experiência de ser adulto; recuperar a alegria, a ternura, o jogo, a transparência, a imaginação, a fantasia, a lealdade, o assombro, a inocência, a simplicidade, a sinceridade, a autenticidade, o sonho, a confiança, a curiosidade, a necessidade de receber e dar afeto; aprender a ser adultos á imagem do Pequeno Príncipe.”¹⁰⁴

Os passos propostos por Archila nos levam a ampliar estudo principalmente no que diz respeito a necessidade de considerar o contexto social, político e econômico na época de Jesus e de falar do Evangelho em seu todo. Porém á luz dos estudos da antropologia, da pedagogia, da sociologia, da análise de gênero e do protagonismo das crianças percebemos que este autor trabalha com as categorias feminino e infantil universalizantes e idealizadas, sem considerar os complexos emaranhados e entrelaçamentos de todos os seres humanos entre si e também com o lugar, o tempo, a época que vivem suas vidas. Do ponto de vista teológico sua proposta contribui para o questionamento das nossas concepções do divino, mas corre o risco de abafar o protagonismo das crianças e de todas as outras pessoas que interagiram com Jesus e assim, construíram o seu movimento. Com isto, continua reforçando a teologia que destaca unicamente a ação diferente e especial de Jesus, fazendo dele o herói que liberta e traz as novas perspectivas. Deixa de destacar a ação daqueles e daquelas que o buscaram, deixa de mencionar suas presenças em espaços onde elas não contam.

Danilo e Valburga Streck, refletindo a partir da prática pastoral no contexto latino-americano trazem um conceito que podemos agregar á proposta de uma hermenêutica bíblica

¹⁰² ARCHILA, 1996, p. 65.

¹⁰³ ARCHILA, 1996, p. 68.

¹⁰⁴ ARCHILA, 1996, p. 69.

menos idealizadora como a de Archila. Considerando as diversas pedagogias presentes na cultura popular latino-americana e indicam “outras racionalidades e sentimentalidades”. Baseando-se em um estudo da Equipe Dimensión, de Bogotá, destacam “a racionalidade sapiencial, a racionalidade simbólica, a racionalidade experiencial testemunhal e a racionalidade contemplativa, todas elas apontando para a não dicotomização entre um sujeito que conhece e um objeto conhecido, mas tendo como ponto de partida a relação”.¹⁰⁵ Entendem que com a busca desta valorização das outras racionalidades e o respeito pela diversidade de saberes a meta será: “que as culturas se abram umas às outras e participem numa fraterna dinâmica auto-corretiva que tenha como horizonte uma ética da vida”.¹⁰⁶ Desta ética da vida emerge o desafio pastoral da solidariedade que se estende também às crianças na medida em que se deixamos de minimizá-las em sua exclusão, sem deixar de considerar o impacto da violência á qual estão expostas, e reconhecemos a sua participação ativa na construção de relações sociais e na partilha da vida.

Conforme já mencionamos acima, para uma melhor aproximação do que pode representar e significar a presença ou ausência de crianças nos textos bíblicos é preciso ver as mesmas á luz de sua época. Trazemos alguns aspectos que são abordados nas pesquisas ás quais tivemos acesso.

3.2 Crianças na época de Jesus

A tese de doutorado de Betina Eltrop¹⁰⁷ sobre crianças no Evangelho de Mateus mostra que nas narrativas deste refletem-se diversos aspectos da realidade de vida das crianças na época e no lugar em que se formaram as primeiras comunidades cristãs.

A autora chama a atenção para a diferença entre as narrativas da multiplicação dos pães, pois somente Mateus menciona crianças e mulheres entre a multidão, mesmo que seja para dizer que não foram contados, mostra assim que estavam presentes no meio da multidão que seguia Jesus.

A conclusão de Eltrop¹⁰⁸ ao estudar Mt 14.21 e 15.38 é:

¹⁰⁵ STRECK, Danilo; STRECK, Valburga Schmiedt. Da exclusão à solidariedade: uma perspectiva Latino-Americana das praticas pastorais. In: **International Journal of Practical**. Berlin/New York: DE Gruyter, 2002. p. 6-7.

¹⁰⁶ STRECK; STRECK, 2002, p. 7.

¹⁰⁷ ELTROP, 1996.

¹⁰⁸ Confira ELTROP, 1996, p.102.

1. As crianças estavam entre a multidão que seguia Jesus. As pessoas que se reuniam em torno de Jesus foram servidas por ele como por um pai de família que distribui o pão;
2. Na construção da narrativa predomina a perspectiva androcêntrica que considera os homens adultos como as pessoas que realmente contam e são decisivos para o rumo dos acontecimentos. Eles são contados enquanto mulheres e crianças são apenas mencionadas como um apêndice para contrastar ainda mais a quantidade inicial de pães e peixes e as sobras no final da partilha. A partir destas observações, porém, emergem grupos presentes e que não deixaram de ser decisivos para a continuidade do movimento de Jesus. Assim, este tipo de construção de narrativa mostra o quanto faz diferença mencionar explicitamente os diversos grupos participantes de um acontecimento.
3. Em relação a valorização e a posição das crianças na comunidade, cuja práxis se reflete no Evangelho de Mateus, a autora nos apresenta um quadro diversificado. Por um lado ela observa crítica ao patricariado (por exemplo: Mt 18.3 tornar-se como criança) e por outro conformidade com o patriarcado ou até seu fortalecimento (a genealogia do capítulo 1 e as relações hierárquicas que refletem o poder do pater famílias sobre seus filhos e suas filhas)¹⁰⁹.

Segundo Hans-Rudi Weber¹¹⁰

no mundo greco-romano, as crianças gozavam, em geral, de pouquíssima estima. É claro que a procriação se fazia necessária para assegurar a continuidade das famílias e nações. Em especial filhos homens saudáveis eram valorizados como futuros trabalhadores e soldados. Mas as crianças em si não tinham valor nenhum, e raras vezes alguém atentava para sua personalidade.¹¹¹

Para comprovar a pouca valorização das crianças no mundo greco-romano, neste período o autor traz vários exemplos:

- a) O costume de não dar nome próprio a partir do terceiro ou quinto filho, pois a este simplesmente era atribuído um número correspondente a ordem do nascimento;

¹⁰⁹ Confira ELTROP, 1996, p. 208.

¹¹⁰ WEBER, Hans_Rudi. **Jesus e as crianças**. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

¹¹¹ WEBER, 1988, p. 10.

b) Na arte as crianças são representadas como adultos em miniatura. A caracterização da infância se dá como fase “frágil, insignificante”, “um prólogo para a idade adulta”;¹¹²

c) A prática de “enjeitar recém-nascidos”, principalmente meninas ou portadores de alguma deficiência ou doença. Pais (homens) ou o Conselho de anciãos tinham poder de decidir sobre a criança que deveria viver e aquela que deveria morrer. As crianças abandonadas morriam, podiam ser mutiladas por adultos para pedir esmolas ou eram criadas para serem escravas.

São citadas também pelo autor vozes críticas que valorizavam as crianças e principalmente defendiam um sistema escolar menos brutal e as transformaram em médiuns religiosos importantes, por as considerarem puras e inocentes e ao mesmo tempo humanas e divinas.

Entre os judeus, segundo Weber, predomina uma visão bem diferente das crianças. Elas são recebidas como uma benção, um presente valioso dado por Deus que garante a continuidade do povo eleito para uma missão especial. Descendentes masculinos são mais valorizados. “Era primordialmente a necessidade de garantir a continuidade da raça que fazia com que as crianças fossem consideradas uma dádiva tão preciosa”.¹¹³ No mais, as crianças israelitas não são idealizadas e nem consideradas inocentes. Fazem parte da realidade humana como os adultos.

Sob o pano de fundo destas realidades Weber estuda a relação de Jesus com as crianças em textos dos Evangelhos.

A partir de Marcos 10.13-16 conclui que Jesus com seu gesto de acolher as crianças queria

revelar a natureza de Deus. A vontade de Deus é presentear o seu reino às crianças, e, contrário à previsão humana, isso acontece de maneira totalmente graciosa. [...] subverte os valores gregos e judaicos. Confere-se às crianças uma posição de superioridade quando a realidade humana é considerada do ponto de vista do reino de Deus.¹¹⁴

Estudando a metáfora: “A não ser que você se torne como uma criança” (Mc 10.15; Lucas 18.17 e Mt18.3), Weber chama a atenção para o fato de que metáforas não definem o seu significado, por isso abrem um leque de possibilidades de interpretação. Sua proposta é de que no contexto das passagens em questão “como uma criança” remete à maneira como as

¹¹² WEBER, 1988, p. 11.

¹¹³ WEBER, 1988, p. 13.

¹¹⁴ WEBER, 1988, p. 21.

crianças recebem o Reino de Deus. Pelo fato das crianças serem dependentes objetivamente, elas buscam a ajuda dos adultos.

Receber o Reino de Deus como uma criança significa implorar e reclamar este Reino como uma criança clama por comida e amor. Significa recebê-lo de mãos vazias.” Weber quer se distanciar das interpretações morais que destacam a “simplicidade, a humildade e inocência exemplar das crianças.”¹¹⁵

Também daquelas que sugerem que “crianças pequenas ainda desconhecem o mal, estão cheias de confiança, alegria e obediência, ainda não são oportunistas, mas abertas a todas as possibilidades da vida”. Ou ainda as ênfases mais recentes que falam da fragilidade das crianças.

A partir de Mateus 18.5; Marcos 9.33-37 e Lucas 9.46-48 lidos sob o pano de fundo da concepção de educação de crianças no mundo greco-romano e judaico, Weber destaca a inovação dos ensinamentos e dos gestos de Jesus quando coloca uma criança no meio dos seus discípulos.

Durante o tempo de Jesus, tanto no mundo greco-romano como no mundo judaico, o ensino era unidirecional: do adulto para a criança. Compreendendo a criança como matéria prima que tinha que ser moldada para se tornar um ser humano integral ou concebendo-a como um membro imaturo do povo da aliança, que tinha que ser disciplinado pelo conhecimento e temor ao Senhor: em ambos os casos a criança era um receptor passivo e tinha importância apenas na medida em que representava um aprendiz em potencial.¹¹⁶

Como o ponto de partida para o relato dos textos em questão é a pergunta dos discípulos sobre quem deles seria o maior, a resposta e atitude de Jesus invertem a “situação ensino/aprendizagem, que ao mesmo tempo, significa também uma inversão de critérios: o primeiro deve ser o último, o último é grande, o indivíduo que se humilha a si mesmo como uma criança é o maior no reino dos céus”.¹¹⁷ A criança é importante pela sua presença.

Este aspecto levantado por Weber precisa ser destacado e aprofundado. Pois, nos textos que as comunidades cristãs nos transmitiram não nos é possibilitado ouvir a voz das crianças. Elas ensinam apenas através de sua presença, que passa a ser questionadora quando explicitada. Nos escritos fica evidente que o seu protagonismo se resume a sua presença em lugares onde homens discutem e aprendem e pelo menos um homem que tem poder percebe sua presença e a valoriza. Assim, faz adultos refletir sobre para a necessidade de que todas as gerações têm de aprender umas com as outras.

¹¹⁵ WEBER, 1988, p. 30.

¹¹⁶ WEBER, 1988, p. 42.

¹¹⁷ WEBER, 1988, p. 43.

John Dominic Crossan¹¹⁸ em seu estudo sobre “O Jesus histórico” traz exemplos de papiros encontrados no Egito que nos dão uma idéia do tratamento dado a crianças. Um destes papiros traz uma carta do trabalhador Hilários para sua esposa Alis, escrita em 18 de junho do ano I a.C:

Hilárion à sua irmã Alis: saudações, assim como minha senhora Bérus e Apolináriu. Saiba que ainda estamos em Alexandria. Não se preocupe se voltarem (sem mim) e eu ficar em Alexandria. Rogo e suplico, preocupe-se apenas com o bebê, e se eu receber meu pagamento logo, mandarei o dinheiro. Se tiveres um filho, se for um menino, deixe-o viver; se for uma menina, abandone-a [para morrer]. Disseste a Afrodísias: “Não se esqueça de mim.” Como posso esquecer de ti? Então rogo para não te preocupares.¹¹⁹

Além disso, cita alguns escritos que refletem uma disputa judicial em torno de uma criança:

Na corte, Pesúris versus Sareu.

Aristocles, advogado de Pesúris, declarou: “Pesúris, o meu cliente, (...) recolheu da rua um menino abandonado, de nome Heraclas, e colocou-o sob os cuidados da acusada. Ela estava lá na condição de babá do filho de Pésuris. Recebeu seu pagamento pelo primeiro ano de trabalho na data combinada, e também recebeu pelo segundo ano. Para provar as minhas afirmações, apresento os documentos em que ela reconhece o recebimento do dinheiro. Ela estava matando de fome o menino, então Pesúris tomou-o de volta. Pouco depois, Sareu, aguardando uma oportunidade propícia, entrou escondida na casa do meu cliente e levou embora o menino. Ela agora justifica esse rapto alegando que o menino não é filho de ninguém. Tenho em minha posse, primeiro, o contrato firmado com a babá e, além disso os recibos de pagamento. Peço que eles sejam reconhecidos”.

Sareu: “Amamentei o meu próprio filho, e o menino encontrado por essas pessoas foi colocado sob meus cuidados. Recebi deles o total do meu pagamento, na quantia de 8 estateres. Depois o menino morreu e fiquei com o dinheiro. Agora querem tomar o meu próprio filho”.

Téon: “Temos os papéis referentes ao menino abandonado”.

O estrategista: “Uma vez que pelas suas feições a criança parece ser de Sareu, se ela e seu marido fizerem uma declaração por escrito de que o menino que lhe foi confiado por Pesúris morreu, passo sentença de acordo com a decisão [i.é., as leis] do nosso senhor, o chefe de prefeitura, para efeito de que ela tenha o seu filho de volta ao devolver o dinheiro que recebeu.¹²⁰

Segue-se a disputa, pois Trifão pede para um escriba escrever uma carta ao chefe da Prefeitura do Egito, no ano 49 ou 50 d.C.

A Gneu Vergílio Capito, de Trifão, filho de Dionísio, da cidade de Oxirrinco. Siro (Pesúris), filho de Siro, confiou aos cuidados de minha esposa, Sareu um menino abandonado na sarjeta, de nome Heraclas. O menino morreu e Siro tentou levar como escravo o meu filho Ápion. Conseqüentemente, apelei junto a Pásion, o estrategista do nosso nomo, que mandou que meu filho me fosse devolvido, de acordo com aquilo que o senhor, meu protetor, determinastes. As minutas do processo foram registradas por Pásion. Siro no entanto, recusa-se a acatar a decisão do

¹¹⁸ CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico**. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo, Rio de Janeiro: Imago, 1994.

¹¹⁹ CROSSAN, 1994, p.55.

¹²⁰ P. Oxy, 37; Grenfell&Hunt, 1.79-81 in: CROSSAN, 1994, p.60

estratego e está prejudicando o meu negócio. Recorro então ao Senhor, meu defensor, para fazer valer os meus direitos. Adeus¹²¹

Ocorre uma disputa judicial em torno de uma criança. Estudando a mesma Crossan constata: “não há nenhuma dificuldade em um pobre enviar uma petição ao chefe da prefeitura; o difícil parece ser obter uma resposta que seja de alguma utilidade”.¹²² Alguns aspectos sobre a posição das crianças chamam atenção:

a) O menino fora deixado por alguém na sarjeta, isso possibilita o uso do argumento de que ele não é filho de ninguém;

b) A mulher contratada para alimentá-lo já tinha um filho;

c) O menino encontrado na sarjeta morreu e aquele que pagou para ter a criança cuidada não queria perder seu dinheiro e toma o filho da mulher. Esta não se conforma e busca o seu filho de volta, e mesmo com decisão judicial favorável parece não consegui-lo.

Rodolfo Gaede Neto em seu estudo sobre “Crianças na Bíblia” nos mostra que no contexto da atuação de Jesus é necessário distinguir entre uma “postura de menosprezo de pais devido a questões culturais num sistema patriarcal e atitudes sacrificatórias de pais em consequência das pressões de ordem socioeconômica”.¹²³

Entre os judeus, conforme este autor, as crianças são valorizadas como um presente dado por Deus. Citando Stegemann acrescenta que “principalmente os meninos são considerados benção de Deus”.¹²⁴

Num detalhado estudo sobre o chamado Evangelho das crianças Gaede Neto conclui que “as mudanças na redação dos evangelhos foram ocorrendo de acordo com as mudanças da situação das comunidades. Originalmente estaria a promessa do reino de Deus para crianças, assim como há a promessa para os pobres, as prostitutas e os publicanos”.¹²⁵ O aspecto de serem tocadas por Jesus as colocaria no mesmo nível que os doentes trazidos para ser curados. “Estas crianças são chamadas, no texto original, para o centro das atenções e são acolhidas carinhosamente por Jesus, que lhes promete o Reino e as abençoa, estabelecendo comunhão com elas”.¹²⁶ Já numa primeira releitura o enfoque central teria permanecido sobre a criança desassistida, porém o desafio teria passado a ser o acolhimento das crianças, tendo em vista

¹²¹ P. Oxy, 38; Grenfell&Hunt, 1.81-82 in: CROSSAN, 1994, p.61.

¹²² CROSSAN, 1994, p. 61.

¹²³ GAEDE NETO, Rodolfo. A criança na Bíblia. In: GAEDE NETO, Rodolfo, PLETSCHE, Rosane e WEGNER, Uwe (Org.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 77.

¹²⁴ GAEDE NETO, 2004, p. 77.

¹²⁵ GAEDE NETO, 2004, p. 85.

¹²⁶ GAEDE NETO, 2004, p. 85.

que as comunidades cristãs já passaram para fase sedentária. O critério para as lideranças da igreja entrar no Reino de Deus passa a ser o de servir as crianças ao invés de busca de posições de honra e poder.

Crossan em seu estudo sobre João 6,1-15, também destaca a questão da comensalidade de Jesus e vê duas tradições sobre a vida de Jesus: uma, de origem judaica, com pão e peixe em grande quantidade para as multidões, e, outra de pão e vinho apenas para os fiéis.¹²⁷ Estas narrativas teriam se desenvolvido numa complexa disputa de lideranças nas comunidades. E pelos verbos usados nas narrativas: tomar, abençoar, partir e dar, dá-se ênfase na partilha igualitária. Na sociedade da época tomar e abençoar eram as ações realizadas pelo mestre, mas partir e dar são as feitas pelo servo.

Jesus, na posição de mestre e anfitrião, desempenha, ao invés disso, o papel de criado, e todos compartilham igualmente da comida. É possível, porém, levar este raciocínio ainda mais longe. A maioria dos seguidores de Jesus teria ouvido falar de pessoas que eram servidas à mesa por escravos, mas nunca teriam tido essa experiência. Os discípulos do sexo masculino teriam pensado nas mulheres como aquelas que preparam e servem a comida na família. Além do papel de criado, Jesus assume o papel de mulher. Esses quatro verbos simbolizam o ato e receber os outros não só como um criado, mas também como uma mulher. [...] Mais tarde, assim como a mulher serve a comida e se torna comida, Jesus serviria a comida aqui e se tornaria comida na vida futura.¹²⁸

Estudando a realidade das crianças na época de Jesus, Crossan conclui que “ser criança era a mesma coisa que ser ninguém. A única possibilidade de algum dia se tornar alguém dependia da vontade dos pais e de sua posição na comunidade”.¹²⁹ Por isso avalia a metáfora do tornar-se como criança para entrar no Reino de Deus como chocante porque “um reino das crianças é um reino de ninguém” em um contexto, de acordo no qual existe um sistema de honra e vergonha, e era um insulto para um adulto ser comparado com uma criança.

Resumindo podemos dizer que a realidade das crianças no contexto e na época de Jesus é avaliada predominantemente pelos pesquisadores na perspectiva da exclusão e dependência total. Assim faz-se necessário perguntar pela relação do movimento de Jesus com as crianças numa perspectiva bem ampla dos Evangelhos.

¹²⁷ CROSSAN, 1994, p. 437.

¹²⁸ CROSSAN, 1994, p. 442.

¹²⁹ CROSSAN, 1994, p. 306.

3.3 Crianças no contexto dos Evangelhos e na vida das primeiras comunidades cristãs

Carlos Mesters afirma que “A nova experiência de Deus como Pai marcou a vida de Jesus e lhe deu olhos novos para perceber e avaliar a realidade que o envolvia”.¹³⁰ A partir desta constatação ele enumera sete aspectos da ação de Jesus em favor das crianças, dos pequenos, presentes nos Evangelhos:

1. **Acolher e não escandalizar.** (Lc 17.2; Mt 18.6) Jesus condena aqueles que causam escândalo aos pequenos e os fazem perder sua fé em Deus. Contra estes Jesus profere palavras duras: “*melhor seria ter uma pedra de moinho amarrada ao pescoço e ser jogado nas profundezas do mar.*”
2. **Acolher e tocar:** Jesus acolhe e abraça as crianças e suas mães quando estas o procuram. (Mc 10.13-16; Mt 19.13-15) Os discípulos querem afastá-las, mas Jesus as chama.
3. **Tornar-se criança:** este pedido Jesus dirige aos seus discípulos: tornar-se criança e aceitar o Reino como uma criança (Mt 18.3; Lc 9.46-48). “Ele coloca criança como professor de adulto! O que não era normal. Costumamos fazer o contrário”.¹³¹
4. **Identificar-se com os pequenos:** (Mc 9.37) “Quem recebe uma criança a Mim me recebe”. “E tido o que vocês fizerem a um destes mais pequenos foi a mim que o fizeram” (Mt 25. 40).
5. **Defender o direito de gritar.** São as crianças que gritam “*Hosana ao filho de Davi!*” (Mt 21.15) quando Jesus derrubou as mesas dos cambistas e realizou curas no templo. Elas são criticadas pelos principais sacerdotes e escribas. Jesus citando as Escrituras as defende.
6. **Agradecer pelo Reino presente nos pequenos:** (Mt 11.25-26) Jesus agradece porque os pequenos entendem melhor do que os sábios e os instruídos o seu anúncio do Reino de Deus.
7. **Acolher e curar:** entre aqueles e aquelas que Jesus ressuscita estão várias crianças: uma menina de 12 anos, filha de Jairo (Mc 5.41-42); a filha da mulher siro-fenícia (Mc 7.29-30); o filho da viúva de Naim (Lc 7.14-15); o

¹³⁰ MESTERS, Carlos. Meninos e Meninas. São Leopoldo:CEBI, **A palavra na vida** 162. 2001. p. 29.

¹³¹ MESTERS, 2001. p. 29.

menino epiléptico (Mc 9.25-26), o filho do centurião (Lc 7.9-10); o filho do funcionário público (Jo 4.50) e o menino dos cinco pães e dois peixes (Jo 6.9).

Destacamos o fato que Mesters coloca neste grupo, dos acolhidos e curados, também a criança dos cinco pães e dos dois peixes de João 6.9. Com isto, a faz ser percebida mais claramente. Mas, também Mesters deixa de destacar o **protagonismo** desta criança e seu envolvimento ativo no movimento de Jesus.

Na perspectiva do protagonismo, esta criança poderia ser elencada entre as que se tornaram mestre de adultos. Jesus ao aceitar a oferta gratuita da criança contrapõe esta proposta à lógica dos homens adultos, seus discípulos, que é de compra. Assim, a criança se torna professora pelo exemplo.

Finalizando sua reflexão, o Mesters convida para repensarmos a imagem que fizemos dos discípulos de Jesus como gente adulta, de barba, e sugere que estes devem ter sido jovens em sua maioria.

Sem dúvida o fato de Jesus curar crianças, num contexto onde elas pouco contam, ou não contam, nos faz perceber a valorização da vida em si, independente da idade ou da condição social.

Rodolfo Gaede Neto em seu estudo sobre o chamado Evangelho das crianças conclui:

Jesus encontrou as crianças de sua época na Palestina numa situação que tendia à exclusão. No mundo greco-romano, imperavam o desprezo e a violência sem limites contra crianças recém-nascidas, principalmente as do sexo feminino, assim como também exploração impiedosa das que sobreviviam. Também no judaísmo, Jesus encontrou sinais de insensibilidade em relação às crianças.¹³²

Destaca que o maior fator de violência contra as crianças parecem ter sido as precárias condições socioeconômicas da maioria da população neste contexto, além dos fatores culturais. Gaede Neto concorda com os exegetas que entendem que a versão mais antiga da perícopes tinha como seu ponto central a promessa do Reino de Deus às crianças, a mesma feita aos pobres nas bem-aventuras e na passagem de Mt 21.31 onde se afirma que “*publicanos e prostitutas vos precedem no reino de Deus*”.¹³³ Assim conclui que

se o contexto social concreto serviu de pano de fundo para a promessa do Reino de Deus às crianças, e se isto é pressuposto também para outros textos da tradição mais

¹³² GAEDE NETO, Rodolfo. A criança na Bíblia. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Org.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI. 2004. p. 85.

¹³³ GAEDE NETO, 2004, p. 79.

antiga , então a interpretação que leva em conta a realidade concreta da criança é mais plausível do que aquela que usa a criança meramente como símbolo da capacidade de confiar em Deus e se deixar presentear por ele.¹³⁴

Este agir de Jesus em favor das crianças levou as comunidades cristãs na medida em que foram se tornando sedentárias a relacionar a entrada no Reino de Deus com o acolhimento delas em sua comunhão e “possui a força de interpelar a Igreja em sua missão de solidariedade para com os mais pequeninos e mais pequeninas. Potencializa as ações diaconais de dignificação das crianças. Ao mesmo tempo, questiona profeticamente a indiferença a omissão das atitudes discriminatórias”.¹³⁵

As ações diaconais são muito necessárias para com as crianças, tendo em vista sua realidade sócio-econômica e sua discriminação cultural. Na perspectiva de uma hermenêutica das crianças soma-se o aspecto do **protagonismo** das crianças e daquilo que elas tem a ensinar àqueles que as acolhem ou até mesmo a necessidade que as comunidades cristãs tem de interagir com as crianças para compreender e entrar no Reino de Deus. Comunidade que não conhece e se dá a conhecer, não vê e não se deixa ver, não deixa a sua mensagem, ouve e é ouvida, não abraça e é abraçada, que não partilha o que tem e aceita o que as crianças trazem, perde uma fundamental dimensão do Evangelho.

3.4 Teologia das crianças e não para crianças

Mirjam Zimmermann¹³⁶ defende a necessidade urgente de refletir metodologicamente sobre uma teologia das crianças. Baseia seus argumentos nas discussões e publicações alemãs dos últimos anos. Conforme a autora material usado tem sempre origem com as crianças, sejam expressões escritas ou não. O objetivo é chegar às posições das crianças. Sugere diversos métodos:

a) Questionário com perguntas abertas e fechadas; entrevista, também com roteiros, mas espaços abertos. Entrevista semi-estruturada onde há um roteiro de tal forma que se permanece no foco da temática. Fundamental é considerada a necessidade de garantir um espaço seguro e tranqüilo, um tempo limitado e que as perguntas não fujam em abstrações como as delimitações de tempo e espaço.

¹³⁴ GAEDE NETO, 2004, p. 80.

¹³⁵ GAEDE NETO, 2004, p. 87.

¹³⁶ Confira ZIMMERMANN, Mirjam. **Zur Präzisierung von Forschungsdesigns im kindertheologischen Diskurs.** Methoden der Kindertheologie. Disponível em: www.theo-web.de/zeitschrift/ausgabe-2006-01/Zimmermann_Kindertheologie-END2.pdf . Acesso em 15 de outubro de 2007.

b) Avaliação de discussões grupais: teologia com crianças. Temática complexa por uma série de fatores incluindo-se aqueles que silenciam no grupo, pois eu silêncio pode significar consentimento, mas também timidez.

c) Recontar textos como forma de se narrar (Ricoeur) considerando sempre como centrais na teologia das crianças: criatividade e individualidade.

Numa análise crítica dos títulos dos livros sobre Teologia das crianças a autora mostra que na seleção das frases de crianças escolhidas para títulos dos livros há uma determinada concepção sobre crianças norteando a escolha. Ela fala que a pesquisa sobre a teologia das crianças mostrou que a percepção ingênua das expressões das crianças não tem se mostrado como adequada, por crianças serem bem mais capazes para pensar e falar teologicamente de forma autônoma do que se tinha considerado até então. Defende uma maior atenção a análise das expressões das crianças com métodos claramente definidos.

Dieter Seiler¹³⁷ propõe uma teologia das crianças, elaborada a partir das falas das crianças e de sua fé. Cita exemplos da iconografia do tempo da reforma protestante, especificamente de Lucas Cranach, e fragmentos das conversas a mesa de Lutero que a partir da observação e da convivência com seus filhos e suas filhas falava de uma *fides infantium*. De acordo com este autor, Lutero

aconselhava a seus doutos colegas que aprendessem com as crianças o que era fé. Sua empatia baseava-se nas reminiscências próprias. Ele recordou e trabalhou sua história de vida e de fé como nenhum outro teólogo, quando ele na maioria das vezes muito emocionado falava sobre a figura de Deus que lhe foi transmitida pelos adultos enquanto criança, e sobre o longo caminho para chegar a um Deus do perdão. Ele recordava 'Eu não conheci o Menino Jesus. Ele lhe foi sonogado e em lugar dele foi colocado o Juiz que o levou ao desespero já adulto.¹³⁸

3.5 Relato de uma experiência da leitura de João 6.1-15 com um grupo de crianças da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Cachoeira do Sul

As crianças fazem parte do grupo do culto infantil. Elas têm entre 3 e 12 anos. A participação é livre. Os encontros regulares acontecem paralelos ao culto dominical sempre às 9h30, numa sala ao lado do templo. Uma vez por ano acontece um piquenique. Em 2006, no dia 29 de outubro fomos para um campo amplo com muita grama e sombra, com 33 crianças: 18 meninas e 15 meninos. Na parte da manhã brincamos, passeamos e cantamos. Ao meio dia fizemos um lanche partilhado, mas nem todos se dispuseram a repartir o seu lanche com os outros. No período da tarde, após um tempo livre reunimos as crianças num grande círculo e

¹³⁷ SEILER, Dieter. Fides Infantium – uma reversão. *Concilium* 264, n.2, Petrópolis, 1996, p. 80-93.

¹³⁸ SEILER, 1996, p. 84.

narramos o texto de João 6,1-15, seguindo a sua estrutura. Após constituímos três grupos e todos receberam o texto por escrito, pois em cada um deles havia crianças que sabiam ler. Propusemos que cada grupo encenasse o texto. Dispusemos cinco pãezinhos de trigo e dois peixes moldados em chocolate para cada grupo.

Todos os grupos tiveram o mesmo tempo e foram acompanhados por uma pessoa adulta orientada para intervir o mínimo possível. A seguir, apresentaram sua encenação aos demais.

O grupo um leu o texto e os personagens apenas faziam os movimentos. A criança foi representada por uma menina que reagiu timidamente ao pedido do discípulo de dispor o seu lanche. Este foi percebido porque ela carregava um cesto. O menino que representou André iniciou a conversa perguntando o que havia no cesto. Relutante ela mostrou, depois quando solicitada cedeu o cesto aos discípulos e se sentou quietinha no meio do grupo. O menino que representou Jesus distribuiu sozinho, os pães e os peixes, e somente para quem estava sentado no círculo, pois havia alguns inquietos que insistiam em se aproximar para conseguir mais peixe de chocolate. Tiveram cuidado para que sobrasse um pouco para mais tarde.

O grupo dois escolheu o maior menino do seu grupo para representar Jesus, e o menor, para ser a criança com os pães e os peixes.¹³⁹ As meninas fizeram o papel dos discípulos. Quando perguntadas por Jesus sobre onde comprar pão, responderam que não teriam dinheiro suficiente. Uma delas falou que tinha visto um menino com um cesto no meio da multidão. Nisto o menino já se adiantou para oferecer o pão. Sem falar nada, mas de uma maneira muito especial e já foi chegando perto de Jesus. Jesus primeiro pediu que todos sentassem. Pediu a ajuda das discípulas e recomendou que fossem distribuídos pedaços pequenos para todos receber um pouco. Houve somente sobra de pão.

Já o terceiro grupo não quis fazer a encenação e somente repartiu o seu peixe de chocolate por causa da insistência dos demais.

O que chamou a atenção é que a maioria enfatizou a partilha igualitária, o cuidado com a comida, a decisão da criança e o seu poder de partilhar ou não o que estava em suas mãos. Pelo menos os dois primeiros mostraram a criança que tinha os pães e os peixes como decisiva para o acontecimento, e com reações diferentes, uma pronta para dividir e a outra relutante, mesmo sem que elas se expressam através da fala. Ao contrário da exegese, que

¹³⁹ Ver foto na abertura do capítulo.

inclusive chega a considerá-la desnecessária do ponto de vista narrativo. Os dois grupos que encenaram o texto valorizaram o espaço e a possibilidade de acomodação; mostraram Jesus como o personagem principal do texto, com autoridade, mas brincalhão e se preocuparam muito em seguir fielmente o texto.

Esta foi apenas uma pequena experiência e podemos refletir sobre ela como uma abordagem de um grupo bem específico de crianças. São crianças que tem o suficiente para se alimentar diariamente e mesmo não se dispondo a partilhar o seu lanche na hora do almoço, na vivência do texto, brincando, experimentaram a partilha e a perceberam como mensagem.

Considero útil esta reflexão e descrição¹⁴⁰ porque mostra quão diversas são as possibilidades e reações das crianças. Por isto é tão decisivo criar oportunidades para que elas mesmas possam ouvir, vivenciar brincar a partir das histórias bíblicas. Quando elas são envolvidas, via de regra, elas participam com muita alegria e embarcam no universo simbólico e mítico dos textos, reforçando alguns aspectos e questionando outros. A experiência relatada mostra que os estereótipos de gênero são fortemente reproduzidos, ainda mais, quando se refere a Jesus. No grupo dois houve a preocupação de envolver todas as crianças e mesmo sem falar, Anderson, o menino que oferece o pão emocionou a todos.

Esta experiência aconteceu dentro de uma comunidade tradicional onde vigora a concepção de que precisamos trabalhar com as crianças em ambientes separados porque as crianças vivenciam a sua espiritualidade de maneira mais barulhenta e espontânea. Estamos fazendo as primeiras tentativas de interação entre adultos e crianças em encontros comunitários nas casas das famílias. Mas, nestas, via de regra, ainda predominam relações hierárquicas e somente com muita persistência e com a construção de relações de confiança, o uso de outras linguagens e símbolos talvez cheguemos a vislumbrar brechas do novo.

3.6 Pistas para uma hermenêutica que visibiliza o protagonismo das crianças

Os estudos de diversas áreas das ciências sociais, a aproximação ao texto de João 6,1-15 com as perguntas do espaço, do tempo e da interação entre os personagens, a contextualização do texto no contexto do Evangelho de João, das comunidades cristãs primitivas, a proposta da hermenêutica sócio-simbólica e a vivência do texto com um grupo

¹⁴⁰ Para aprofundamento das abordagens específicas das crianças e para ressaltar o seu protagonismo na interpretação do texto vislumbro como possibilidade um estudo comparativo: somente grupo de crianças; somente grupo de adultos; grupos mistos de adultos e crianças em ambientes distintos, em sala fechada e em campo aberto. Além disso, seria necessária a aproximação da história e das situações de vida de todos que participariam do projeto. Porém, estas questões excedem os limites deste trabalho, por isto ficam como desafio para outra pesquisa.

de crianças apontam pistas que deixam vislumbrar possibilidades de elaboração de uma hermenêutica bíblica que visibiliza o protagonismo das crianças.

1 - A presença de crianças modifica a dinâmica das relações sociais. Mesmo em contextos nos quais elas não contam, elas podem fazer emergir suas perspectivas. A possibilidade de percebê-las depende da nossa pergunta por elas. Como adultos precisamos ter clareza sobre a necessidade que nós temos de aprender com elas. Existem culturas infantis (no plural e não no singular), existem realidades comuns, de classe e etnia determinantes. O contexto será decisivo e não podemos separar os pensamentos e ações das crianças, daquelas pessoas que não são crianças e com as quais elas interagem.

2 - Há muitas metodologias possíveis de uma aproximação das perspectivas de crianças. Porém, todas elas exigem uma interação com as crianças num projeto de cumplicidade onde não conta apenas a racionalidade das palavras, mas também as muitas possibilidades de comunicação e expressão: o jogo, o desenho, a encenação, a troca de afetos, olhares, o ambiente e a história envolventes. Jamais o nosso trabalho será totalmente neutro. O importante é termos clareza sobre a forma como exercemos o nosso poder de adultos, sobre as relações econômicas, políticas, culturais que excluem, segregam, marginalizam e sacrificam crianças, e que estejamos comprometidos com o cuidado da vida nossa, do/a outro/a e do planeta.

3 - A criança des-oculta realidades/desvela/revela coisas que por um lado, só elas mesmas podem perceber/sentir/ver, por outro só elas podem despertar em nós adultos. Mesmo crescendo em um ambiente totalmente adverso a elas e que as sufoca ou exclui, predominantemente elas descobrem novidades e motivos para rir e brincar e externam como percebem aquilo que as rodeia.

4 - Só uma perspectiva de gênero explícita e claramente articulada poderá evitar que imagens e metáforas, que atuam com fatores constitutivas na construção da fé e do saber da criança e tem lugar marcante e constitutivo para toda a vida, perpetuem hierarquias, opressões e violências. Por isto, é preciso também suspeitar em relação aos textos, as metáforas e as imagens e perguntar sobre as relações de poder e os estereótipos que elas reproduzem. Mas, as crianças, não só recebem imagens, elas também criam. Nesse sentido, ouvir crianças é também oportunidade de aprender novas imagens e figuras para expressar a fé, a divindade, imagens essas que são construtoras de realidades.

5 - Diaconia, poder -serviço “possui a força de interpelar a Igreja em sua missão de solidariedade para com os mais pequeninos e mais pequeninas. Potencializa as ações diaconais de dignificação das crianças. Ao mesmo tempo, questiona profeticamente a indiferença a omissão das atitudes discriminatórias”.¹⁴¹ Os textos bíblicos tradicionalizados e escritos pelas primeiras comunidades cristãs deixam emergir crianças e gestos acolhedores e desafiadores de Deus que se encarna na realidade humana como criança, bebê que nasce no meio de animais e assim convoca para o comprometimento com a vida frágil e resistente ao mesmo tempo.

Como tarefa para as pessoas adultas ou jovens não sobram apenas algumas intervenções pedagógicas, mas sim o seu comprometimento com as criança, na construção de um mundo comum. “Isso requer a capacidade de tomar a sério e em consideração a outra característica de ser da criança, a de construir a realidade, e de poder considerar e examinar a própria compreensão da realidade do ponto de vista dela”.¹⁴² Faz-se necessário de um lado reconhecer a criança como pessoa com capacidades e direitos próprios, desde o início, e por outro lado é preciso agir em nome da criança correndo o risco de projetar sobre ela as próprias concepções e os próprios desejos não realizados.

¹⁴¹ GAEDE NETO, 2004, p. 87.

¹⁴² PEUKERT, Ursula. Solidariedade Intergeracional. *Concilium* 264, n.2, Petrópolis 1996, p. 94-107. p. 101.

CONCLUSÃO

Antes de falar de uma hermenêutica de e para crianças é necessário questionar toda a nossa própria maneira de entender a nossa relação com elas e com nosso próprio corpo.¹⁴³ Quais as dimensões predominantes em nossas análises e práticas? Como vivemos a nossa vida? Talvez pelo fato da criança não manejar a palavra em sua fase inicial em seu primeiro ano de vida, seja ela o ponto de partida para a compreensão do que é o corpo que busca a atenção, o contato e a satisfação de suas necessidades. Este corpo enquanto está vivo continuará sempre precisando ser considerado. Quando deixa de pulsar, está morto. A sua vitalidade e sua função na comunicação entre as pessoas predominantemente deixa de ser explicitado em palavras e por isto chega a ser totalmente ignorado.

Se partirmos da realidade da interação que ocorre necessariamente no encontro entre as diversas gerações e grupos sociais precisamos considerar dimensões que a racionalidade científica nem sempre consegue delinear. Uma coisa é falar sobre e descrever crianças, outra é conviver com elas, ouvi-las, trocar afetos, partilhar brincadeiras interagindo com elas. No encontro sempre é preciso estar preparado para o inesperado, há muitos aspectos que contam, inclusive o lugar no qual o encontro acontece.

Num complexo entranhado de sonhos e sutis respirações continuamos a busca. Vislumbramos possibilidades em constante revisão e recriação. Não vemos ainda como sistematizar passos para uma hermenêutica na perspectiva das crianças, apenas indicar pistas com apelo sim, apelo para abrir-se para as crianças, voltar-se a elas e interagir com elas através de todas as formas de linguagem da arte, das músicas, das histórias, das poesias, das afetividades, sem esquecer de preservar ou criar espaços onde encontros de fato ainda sejam possíveis e não continuem sendo divididos e fragmentados cada vez mais os mundos das diversas gerações. Fazer a leitura desde o protagonismo infantil “desarruma”, “desconstrói” as nossas construções hierarquizadas, bem articuladas, bem intencionadas, adultocêntricas.

¹⁴³ Confira STRECK, 2005, p.129ss.

Trabalhar na perspectiva das crianças vai implicar em abrir-se para a novidade, arrumar de outro jeito, que pra nós adultos pode significar desarrumação, barulho, conversa, brincadeira. As resistências a enfrentar são/serão muitas, a começar por nós mesmos, principalmente quando queremos ou precisamos ser ouvidas/os. Pois, a linguagem, o jeito das crianças continua sendo considerado menos sérias e por isso menos dignas de ser ouvidas por quem ocupa espaços de poder e de formação de opinião.

O duplo sentido de criança *é/está* presente representa para nós tanto um apelo para vê-la, percebê-la e ao mesmo tempo um desafio de se deixar envolver tanto pela graça do presente (dádiva gratuita) como por suas exigências. Conviver com uma criança é sempre uma oportunidade de trocas de afetos, sentimentos, percepções, exigências, necessidades. Na perspectiva do Evangelho é a única chance ver o Reino de Deus, entrar nele e assim testemunhá-lo.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALTMANN, Walter. **Quem é membro da IECLB?** Blumenau: Otto Kuhr, 2007.

ALVES, Rubem. (Org.) **Culto Arte: celebrando a vida: advento, natal, epifania.** Campinas: CEBEP; Petrópolis: Vozes, 1999.

ALVES, Rubem. **Coisas que dão alegria.** São Paulo: Paulus, 2001.

ARCHILA, Francisco Reyes. Voltar a ser crianças, uma bela utopia. **RIBLA**, ano 24, n.2, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, p. 53-70, 1996.

ARIÈS, Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime.** Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUER, Walter. **Wörterbuch zu den Schriften des neuen Testaments und der fruehchristlichen Literatur.** 6.Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.) **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.** Florianópolis: USC, São Paulo: Cortez, 2002.

BIBLIA do Peregrino. Tradução de Luís Alonso Schöckel. São Paulo: Paulus, 2002.

BILL, MV; ATHAYDE, Celso. **Falcão, meninos do Tráfico.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BROWN, Colin. Pais, in: BROWN, Colin e COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Edições Vida Nova, p. 465-470, 2000.

BROWN, R.E. **A comunidade do discípulo amado.** São Paulo: Paulus, 1999.

BROWN, Raymond E. **The Gospel according to John (I-XII).** New York: Doubleday&Company, 1966.

BUCHER, Anton A. Crianças com sujeitos. **Concilium**, n.2, p. 55-67, Petrópolis: Vozes 1996.

CALLAI, H. C. Espaço de poder ou poder do espaço? **Contexto e educação**, n.3, julho/setembro, p.25-32, Ijuí, 1986.

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristiane Maria Famer (Organizadoras). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

CASTRO, Lucia Rabello.(Org.) **Infancia y adolescência en la cultura del consumo.**: Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, México: Humanitas, 2001.

CASTRO, Lucia Rabello. Uma teoria de la infancia en la contemporaneidad. In: CASTRO, Lucia Rabello. (Org.) **Infancia y adolescência en la cultura del consumo**. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, México: Humanitas, 2001.

CASTRO, Patrícia del Pilar Horna. Participação de Crianças e Adolescentes: enfoques e concepções. **Save the Children**, 2002. Disponível em: <http://www.soudeatitude.org.br/infanciaacao/texto_referencia/textos/enfoques_e_percepcoes/enfoques_concepcoes.pdf>. Acessado em 20 de janeiro de 2007.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico**. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

CUSSIÁNOVICH, Alejandro; MÁRQUEZ, Ana Maria. **Participação das crianças e adolescentes como protagonistas**. Documento elaborado para Save the Children. Rio de Janeiro: Save the Children, 2002.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa** [online]. maio/ago. 2005, vol.35, no.125 p.161-179. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 23 maio 2006.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Oraís. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z.de B.F.; PRADO,P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 1-17.

DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB. **Crianças na Bíblia: Educação & Criatividade 2**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DINIZ, Ana. **Correndo atrás da vida**. Belém: CEJUP, 1994.

DODD, C.H. **A interpretação do quarto Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

ELTROP, Bettina. **Denn solchen gehört das Himmelreich. Kinder im Mattheus Evangelium**. Tese (Doutorado). Stuttgart: Ulrich E. Grauer, 1996.

EQUIPO de Coordinación del V Curso Latinoamericano y del Caribe del Celadec. **Cuadernos de Estudio**, v. 35. La Paz Bolivia: CELADEC, 2001.

ERDMANN, Charles. **O Evangelho de João**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1965.

FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z.de B.F.; PRADO,P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FERREIRA, A.B.de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **En la senda de Sofía**. Buenos Aires: Lúmen-ISEDET, 2003.

FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da Mulher – Uma nova Hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

GAEDE NETO, Rodolfo. A criança na Bíblia. In: GAEDE NETO, Rodolfo, PLETSCHE, Rosane e WEGNER, Uwe (Org.). **Práticas diaconais: subsídios bíblicos**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI. 2004. p. 69-88.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z.de B.F.; PRADO,P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GASS, Ildo Bohn. As comunidades cristãs a partir da segunda geração. **Uma introdução à Bíblia**, vol. 8. São Leopoldo: CEBI, São Paulo: Paulus, 2005.

GEMOLL, Wilhelm. **Griechisch-Deutsches Schul- und Handwörterbuch**. München/Wien: G. Freytag Verlag/ Hölder-Pilcher-Tempsky, 1957.

HABERMANN, Ruth, Das Evangelium nach Johannes, Oerte der Frauen, in: Schottroff, Luise; Wacker, Marie-Theres, **Kompendium Feministische Bibelauslegung**, Chr Kaiser-Guetersloher Verlagshaus: Gutersloh, 1999, p.527-541.

JAVEAU, Claude. Criança, Infância(s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, p. 379-389, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 15 de novembro de 2005.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p.41-59, São Paulo. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>>. Acesso em: 24 maio de 2006.

MATEOS, Juan. **O Evangelho de João - análise lingüística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 2000.

MEIER, John P. **Um Judeu Marginal** - Repensando o Jesus Histórico. Vol. 2, Livro 3. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco; LOPES, Mercedes. Raio-X da Vida. **Círculos Bíblicos do Evangelho de João**. São Leopoldo: CEBI, 2000.

MESTERS, Carlos. Meninos e Meninas. **A palavra na vida**, 162, São Leopoldo: CEBI, 2001.

METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. **Concilium**, n.2, 264. Petrópolis, 1996, p. 120-135.

MEYERS, Eric M. Jesus und seine galiläische Lebenswelt. **Zeitschrift für Neues Testament online**: 1, 1998, p. 27-39.

MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. In: **Cadernos Pagu** (26) janeiro-junho de 2006. p. 289-327. Disponível em <www.unicamp.br/pagu> - Acesso em 20 de maio de 2007.

MOULTON, W. F.; GEDEN, A.S. **A Concordance to the Greek Testament**. Edinburgh: T&T Clark, 1984.

NESTLE-ALAND. **Das Neue Testament, Griechisch und Deutsch**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft/Katholische Bibelanstalt. 1986.

NOGUEIRA, Paulo. A ceia do Senhor e os banquetes do povo: questões sobre a relação do cristianismo primitivo com práticas festivas populares. **Estudos de Religião**, Ano XIX, n.28, p.46-53, São Bernardo do Campo, 2005.

PEUKERT, Ursula. Solidariedade Intergeracional. **Concilium** 264, n.2, p. 94-107, Petrópolis, 1996.

QUINTEIRO, J. Infância e Educação no Brasil. In: FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z.de B.F.; PRADO, P.D. (orgs.) **Por uma cultura da infância**: metodologia de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

ROOS, Susan. Gênero, cultura e formação da fé cristã. **Concilium** 297, n.4, p. 16-29.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **El evangelio según San Juan**. Tomo segundo. Herder: Barcelon, 1980.

SCHOTTROFF, Luise; SCHOROER., Silvia; WACKER, Marie Terese. **Feministische Exegese**. Forschungserträge zur Bibel aus der Perspektive von Frauen. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1995.

SEILER, Dieter. Fides Infantium – uma reversão. **Concilium** 264, n.2, p. 80-93, Petrópolis, 1996.

SIMEONE, Maria Inês; SOUZA, José Carlos. **Cadê a criança na História**. São Bernardo do Campo: Editeo, 1995.

SOUZA, Solange Jobin e. **Infância e Linguagem – Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

STEGEMANN, E. W.; STEGEMANN, W. **Urchristliche Sozialgeschichte**. Stuttgart/Berlin/Koeln: W. Kohlhammer, 1975.

STRATHMANN, H. **Das Evangelium nach Johannes**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968.

STRECK, Danilo e STRECK, Schmiedt Valburga. Da exclusão à solidariedade: uma perspectiva Latino-Americana das práticas pastorais. In: **International Journal of Practical**. Berlin/New York: DE Gruyter, 2002.

STRECK, Danilo. **Correntes Pedagógicas**. Uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, Rio Grande do Sul: CELADEC, 2005.

STROEHER, Marga; SCHULZ, Valdemar. Auxílio Homilético sobre João 6.1-15. Vol. XXV, p. 247-253. In: Witt, Osmar e Silva, J.A.M. da (Coordenadores) **Proclamar Libertação**, São Leopoldo: Sinodal, 1999.

STRÖHER, Marga J.. É preciso que haja pão! Ecologias de partilha e cuidado com as sobras: um estudo a partir de Jo 6.1-15. In: **Estudos Teológicos**. ano 46, n.1, p.110-121, São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WEBER, Hans-Rudi. **Jesus e as crianças**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

WENGST, Klaus, **Bedrängte Gemeinde und verherrlichter Christus**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1983.

ZIMMERMANN, Mirjam. **Zur Präzisierung von Forschungsdesigns im kindertheologischen Diskurs. Methoden der Kindertheologie**. Disponível em: <www.theo-web.de/zeitschrift/ausgabe-2006-01/Zimmermann_Kindertheologie-END2.pdf> Acesso em 15 de outubro de 2007.

ZOHARY, Michael. **Pflanzen de Bibel**. Stuttgart: Calwer Verlag, 1995.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L218c Lamb, Regene

Criança é presente : pistas para uma hermenêutica bíblica na perspectiva de crianças / Regene Lamb ; orientadora Elaine Gleci Neuenfeldt. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007. 65 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Bíblia N.T. João 6 – Crítica, interpretação, etc. 2. Crianças – Aspectos religiosos. 3. Crianças – Ensino bíblico. 4. Crianças – Aspectos psicológicos. 5. Obras da igreja junto às crianças. I. Neuenfeldt, Elaine Gleci. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia